

Tribuna Operária

da Luta

ANO V — Nº 173 — DE 25 DE JUNHO A 1º DE JULHO DE 1984 Cr\$ 300,00

Povo volta às ruas SEMANA DECISIVA PARA DIRETAS - JÁ



É hora de lotar de novo as ruas. Não perca os comícios pelas diretas já: dia 25, Boca Maldita, Curitiba; dia 26, na Sé, S. Paulo; dia 27, na Candelária, Rio

A volta aos grandes comícios no Paraná, São Paulo e Rio, a votação em Brasília que pode aprovar as diretas-já e a perspectiva de um candidato único das oposições, baseado num programa comum de rompimento com o regime, fazem dos próximos dias um momento decisivo. O deputado operário Aurélio Peres analisa o quadro e propõe tática de luta. Página 3

Recife virou capital do desemprego

Fechamento de fábricas, estressa da cana e estrutura econômica caduca agravam a situação. Página 10

EDITORIAL

O povo na sucessão

No dia 27 entra novamente em votação no Congresso Nacional o processo de eleição do presidente da República. As oposições, junto com setores do PDS, lutarão mais uma vez pelas diretas-já. O governo, através de truques e pressões, tentará sabotar a vontade dos brasileiros.

Em função desta votação, a partir de segunda-feira no Paraná, e depois na terça e quarta em São Paulo e Rio de Janeiro, o povo voltará às ruas. A vida já ensinou cabalmente que este fator será decisivo para a batalha parlamentar do dia 27. Sob o impacto dos grandes comícios é mais difícil ao regime militar manobrar o Congresso a seu bel-prazer. A oposição ganha mais força e mesmo entre os partidários do governo crescem as fraturas e disputas. Os 22 votos que faltaram em 25 de abril podem ainda ser conquistados, não pelo conchavo, mas por mais uma arancada das massas manifestando publicamente o seu sentimento patriótico e democrático pela eleição imediata do presidente da República.

Mas a batalha pela democracia não se resume à votação no Congresso. Igualmente importante é a disputa já em curso para se conseguir um candidato das oposições com respaldo efetivamente popular. Enquanto certas forças vacilantes só pensam em indicar de cima para baixo um nome aceitável para o regime, as forças populares não podem se omitir. É urgente que os trabalhadores intervenham neste processo, no sentido de exigir uma convenção nacional com todos os partidos de oposição, com as organizações populares e sindicais, e com os partidos que possuem penetração popular mas ainda mantidos na ilegalidade. Só numa reunião deste tipo, com grande representatividade, será possível forçar a vinculação do candidato único com a busca de um novo regime, autenticamente democrático de

acordo com o anseio da imensa maioria dos brasileiros.

A mobilização de massas pelas diretas já, a participação efetiva dos representantes dos trabalhadores numa convenção nacional, a formulação de um programa básico que contemple as aspirações populares formam um conjunto indispensável para que se promova no processo sucessório não um compromisso com o regime, mas uma transição que represente a ruptura com os 30 anos de arbítrio, de entreguismo e de corrupção.

Muitos ainda se amarram excessivamente no nome do candidato único. Não que isto seja inteiramente secundário. Mas o essencial é comprometer o candidato com uma perspectiva de luta e com os interesses populares e democráticos.

A iniciativa na indicação do candidato único está hoje nas mãos do PMDB, por ser o maior partido da oposição legal. Mas isto não implica que o povo não possa jogar peso neste processo. Ao apresentar uma plataforma popular e promover uma ampla consulta e mobilização dos trabalhadores visando a convenção nacional; ao exigir de qualquer candidato a ser referendado nesta ocasião um compromisso público com as bandeiras deste programa, é possível restaurar o conteúdo popular na luta sucessória. E, daqui até o fim do ano, uma vigorosa campanha eleitoral de massas pode ampliar a presença do povo e promover novos avanços na batalha pelo fim do regime militar.

Especial atenção merece a mobilização do movimento sindical. Urge romper com o imobilismo e a estreiteza que entravam a participação dos trabalhadores na luta das diretas já. Nesta semana, com os comícios e com as caravanas a Brasília, os sindicatos podem dar a partida a uma nova etapa, jogando de fato a força operária na luta pela democracia.

Extraditar Firmenich é ceder ao fascismo

Mário Firmenich — dirigente do movimento Montoneros, que participou da resistência democrática contra o regime fascista na Argentina, preso no Brasil desde fevereiro — vai ser extraditado. Foi o que resolveu na última quarta-feira o Supremo Tribunal Federal.

A decisão, repudiada por todos os democratas, segue uma velha linha de raciocínio dos regimes fascistas, que teima em classificar como crime comum a luta do povo pela liberdade e contra as ditaduras.

Os Montoneros foram uma das organizações que pegaram em armas contra o terror fascista. Usaram a justa violência dos oprimidos como forma de se defender do massacre perpetrado pelos generais contra todos os adversários da ditadura. Mais de 30 mil patriotas e democratas foram assassinados e enterrados clandestinamente pelas forças da repressão, ficando conhecidos como "desaparecidos". Apesar deste bar-



Firmenich: combatente anti-fascista

barismo, ainda se tenta acusar de "violentos" e "criminosos" os que resistiram a isto.

O governo argentino atual, cedendo às pressões das Forças Armadas, concordou em julgar os dois lados — criminosos fascistas e democratas opositores — como se fosse uma coisa só. E agora a Justiça brasileira cede às concepções fascistas tratando Firmenich como criminoso comum, entregando-o à polícia argentina. Impõe-se a todos os amantes da liberdade protestar contra esta medida arbitrária e antidemocrática.



João Amazonas: na alça de mira da Polícia Federal

Federal aciona Lei de Segurança contra Amazonas

Ex-deputado constituinte indiciado na Lei fascista de Segurança Nacional, junto com três jornalistas da Tribuna Operária. Pág. 4

Sindicatos do Brasil se unem pelas diretas

Plenária de unidade do movimento sindical aprova ação comum de luta. Pág. 4

Volta Redonda realiza a sua primeira greve

15 mil operários pararam toda produção. Página 6

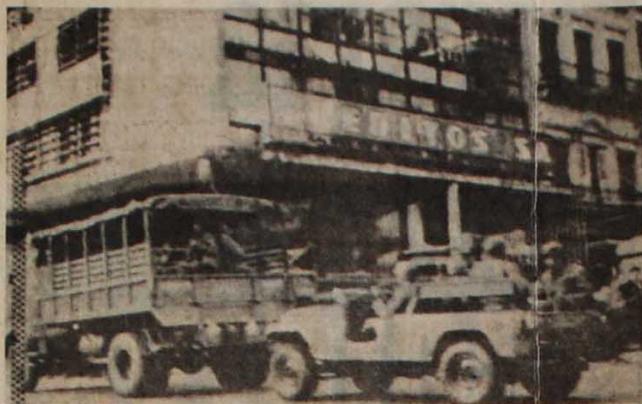
América Latina já não suporta carga da dívida

Evolução do problema este ano aponta para a ruína dos países endividados e novas rebeliões dos povos. Página 5

Denúncia da Tribuna gera impacto na eleição dos metalúrgicos

Metalúrgicos de São Paulo não aceitam votar em quem fura greve e merece a confiança dos patrões. Pág. 7





Um aparato de guerra em Montevideo para aprisionar um homem desarmado

Prisão de Aldunate no Uruguai causa protesto

Wilson Ferreira Aldunate, líder opositorista uruguaio, poderá ser condenado a 30 anos de prisão pelos militares daquele país. Em seu estertor de morte, a ditadura fascista prendeu Aldunate e seu filho quando regressavam ao Uruguai após 11 anos de exílio. Os povos do Uruguai e de vários países se mobilizam para libertá-los.



Aldunate preso na volta do exílio

Vereador fala do terror

A respeito da atual situação política no Uruguai, a Tribuna Operária entrevistou o primeiro-secretário da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, vereador Antônio Pereira da Silva Filho, que visitou esse país em maio como integrante de uma comissão multipartidária de parlamentares.

TO — Como você analisa a situação criada pela prisão de Aldunate e seu filho na volta ao Uruguai?

Antônio Pereira — Eu acho que o retorno de Wilson Ferreira Aldunate, dirigente máximo do Partido Blanco, foi uma decisão política do maior alcance. Essa disposição de Aldunate de retornar ao Uruguai para participar do processo de redemocratização aumenta a fragilidade da ditadura desse país, reduzindo ainda mais a sua quase inexistente base de sustentação. Se todos os políticos do porte de Aldunate no exílio seguirem o seu exemplo estará criada uma situação insustentável para o regime.

TO — O avanço da luta democrática e popular no Brasil tem influenciado a situação do Uruguai?

A.P. — O Uruguai tem sido influenciado por dois processos democráticos — o do Brasil e o da Argentina. No contato que tivemos com o general Liber Seregni ele nos mostrava que as grandes manifestações populares pelas diretas-já no Brasil tinham uma correspondência muito grande no Uruguai. Isto porque, no mês de maio os militares apresentaram aos partidos políticos uma proposta de eleições, agora para 25 de

O Uruguai vive um clima de enfrentamento político com a prisão do líder opositorista Wilson Ferreira Aldunate e seu filho Juan Raul. Os dois foram presos numa autêntica ação de guerra no porto de Montevideo. O povo respondeu com várias manifestações e o movimento sindical ameaça inclusive deflagrar uma greve geral exigindo a sua libertação.

Aldunate é o principal dirigente do Partido Nacional (Blanco), no qual milita desde os anos 40. Em 1971 foi o candidato mais votado individualmente nas eleições para presidente do país, perdendo por apenas 20 mil votos para os dois candidatos do Partido Colorado.

EXILADO DESDE 1973

Desde o golpe militar de 1973 Aldunate vive no exílio. Apesar disto, a convenção do Partido Nacional, em dezembro do ano passado, o indicou como candidato presidencial para as eleições prometidas pelos militares para 25 de novembro. Após esta decisão, o regime uruguaio começou a publicar na imprensa cartazes de "procura-se", com a foto e o nome de Aldunate.

Neste quadro, o retorno de Aldunate e seu filho representou um corajoso enfrentamento com o arbítrio no Uruguai. Mais de cem mil pessoas de todos os quadrantes do país os aguardaram no centro de Montevideo. O porto da cidade foi transformado em autêntica praça de guerra pelos militares. Dezessete tanques, 200 soldados armados de metralhadoras e milhares de policiais ameaçaram os manifestantes.

Quando o navio argentino que trazia o líder do Partido Blanco foi detido, a revolta do povo uruguaio explodiu. Várias passeatas, piquetes e "apagões" marcaram o protesto popular, enquanto os carros buzinavam sem parar em meio a gritos contra o regime.

TO — Qual é a situação dos presos políticos no Uruguai?

A.P. — Nós não tivemos contato direto com os presos. Eu mesmo tentei entregar ao dirigente político Raul Sendico (título de cidadão honorário do Rio de Janeiro, que lhe outorgamos aqui na Câmara, mas não me foi permitido). Obtivemos muitas informações através de familiares dos presos que nos deixaram absolutamente estupefatos. Há mais de 130 mulheres presas por motivos políticos no Uruguai. Muitas dessas moças foram presas com 17/18 anos e condenadas a 20/30 anos de prisão. Essas moças são hoje mulheres envelhecidas em função de estarem nos cárceres há 12 anos sem as mínimas condições. Outra coisa que nos deixou extremamente amargurados foi a existência oficial de "reféns" nas prisões uruguaias. São presos políticos condenados a 30 anos de prisão e mais 15 por motivo de segurança nacional. Se a organização política a que pertencem praticar qualquer ato considerado atentatório à "segurança nacional", esses presos serão imediatamente executados. Esta é a vergonhosa condição de reféns.

(Luis Fernandes)

Receba em casa a Tribuna Operária

Taça de assinatura na página 9

Desemprego: chaga que castiga a Europa Ocidental

No dia 18 último a polícia inglesa investiu mais uma vez sobre os mineiros em greve contra o desemprego no país. Mais de 80 pessoas ficaram feridas, e centenas de grevistas foram presos. Não só na Inglaterra, mas na Alemanha, França, Itália, Espanha, entre outros países europeus, os trabalhadores lutam contra a chaga do desemprego.

Entre 1979 e 1983, o desemprego subiu de 4,2% para 10,3% da força de trabalho na Europa Ocidental. Somente na Inglaterra, França, Itália e Alemanha Ocidental o número de desempregados saltou de 2,8 milhões em 1979 para 5,3 milhões em 1983 - e a previsão é de que o número de trabalhadores sem emprego chegue a 5,8 milhões nesses países até o final de 84.

JUVENTUDE ATINGIDA

A juventude é das mais duramente atingidas pela falta de emprego. Estima-se que existem mais de 4 milhões de trabalhadores com menos de 25 anos de

emprego nos quatro países citados acima. Contudo, a produtividade tem aumentado na Europa Ocidental, em um negro contraste com o aumento do desemprego. Entre 1975 e 1983, a produção cresceu 23% na região, dando mostras de como tem aumentado a exploração da classe operária europeia.

Os políticos burgueses, é claro, aproveitam-se dessa situação para realizar promessas demagógicas e afastar, o tanto quanto possível, os trabalhadores de uma solução revolucionária para as mazelas do capitalismo. É assim que na Espanha, por exemplo, durante a campanha eleitoral de 1982, o Partido

Socialista de Felipe Gonzales prometeu criar 800 mil empregos e reindustrializar o país, caso fosse eleito. Passadas as eleições, os espanhóis certamente ficaram desapontados: segundo as cifras oficiais o desemprego, que era de 2 milhões quando o PS assumiu, passou para cerca de 2,6 milhões na atualidade — uma das cifras mais altas da Europa! Houve um aumento de 17,5%, o que é agravado pelo fato de que só 25% dos desempregados recebem algum tipo de subsídio, e cerca de 1 milhão e 800 mil não têm meio algum de subsistência. O resultado é, entre outras moléstias, o aumento da emigração: existem 900 mil espanhóis perambulando pelos outros países da Europa.

LUTA HERÓICA

Em consequência do desemprego, é também do achatamento salarial, está aumentando no continente europeu o número de famílias com mais de um assalariado - numa busca de elevação dos rendimentos familiares e também de precaução contra o completo desespero no caso da perda de emprego. A proporção de mulheres procurando emprego cresce incessantemente, principalmente na Holanda.

A resposta principal dos trabalhadores ao desemprego, contudo, não pode ser outra que não a luta pelo trabalho. É o que acontece com a heróica greve dos mineiros ingleses; com os metalúrgicos e gráficos alemães, que vanguardam as greves pelas 35 horas de trabalho semanais; os protestos e greves na França; as greves nos setores públicos na Holanda, Bélgica, Dinamarca, etc. (Carlos Pompe)



Na Alemanha a resposta ao desemprego é a luta por jornada de 35 hs

URSS fica com a parte do leão na "Integração Socialista"

Sob a batuta de Moscou reuniram-se recentemente os principais dirigentes dos países membros do Conselho de Assistência Econômica Mútua — Comecon —, os chamados países socialistas. O objetivo da reunião era redefinir as bases da cooperação entre estes países até o final do século. A imprensa revisionista buscou apresentar o evento como uma reunião amigável onde estes países procuraram coordenar seus planos de desenvolvimento. Foi, contudo, um encontro permeado de contradições entre os membros da entidade e marcado pelas imposições soviéticas.

O Comecon foi instituído em 1949, com o nobre objetivo de promover a integração e a coordenação dos recursos e esforços dos países que realizaram suas revoluções democrático-populares, e marchavam para o socialismo, e a União Soviética — então o bastião do socialismo no mundo. Porém, com a degeneração do socialismo ocorrida na URSS a partir de meados da década de 50, também esta organização degenerou-se, e passou a ser um instrumento de domínio social-imperialista soviético.

As economias dos países membros do Comecon desenvolveram-se de forma unilateral e no interesse da metrópole soviética. Na coordenação de investimentos, por exemplo, os soviéticos saem sempre melhor aquinhoados. É comum construírem-se fábricas na URSS com dinheiro e trabalho da Bulgária, Polónia, Romênia, etc. Mesmo no comércio, é patente o hegemonismo soviético. Assim, os preços das mercadorias exportadas pela URSS para os demais países do Comecon crescem sempre mais que os das mercadorias importadas pela URSS provenientes destes países.

INTEGRAÇÃO SOCIALISTA

Para "justificar" o seu domínio sobre os demais países ditos socialistas, os soviéticos elaboraram uma série de teorias pretensamente proletárias. A afirmação de Lênin de que o mundo, no socialismo, caminharia para a criação de uma economia mundial, regulada pelo proletariado de todos os países, é falsificada e deturpada pela teoria soviética da "integração socialista". Esta, na realidade, nada mais é do que a política

expansionista e hegemônica implementada pelos chefetes de Moscou.

Com a transformação da União Soviética em superpotência capitalista e, no plano externo, imperialista, de forma inevitável a crise chegou. Os demais países do Comecon foram e são os mais atingidos. Seus dirigentes vivem choramingando migalhas, mantendo porém a fidelidade à política neocolonialista e guerreira do patrão do Kremlin.

Para os social-imperialistas soviéticos, reuniões como as recentemente realizadas servem como passos na sua escalada armamentista em rivalidade com os imperialistas americanos. Isto porque a crise que atinge todo o mundo capitalista e revisionista leva a que cada superpotência fortaleça o seu domínio econômico, político e militar sobre sua área de influência. Foram notórias, neste último rol de reuniões, as pressões soviéticas para que novos mísseis fossem instalados nos países da Europa Oriental, mostrando que a URSS, tanto quanto os EUA, prepara a guerra com base na exploração dos povos.



Comecon: reunião sob a batuta dos social-imperialistas do Kremlin



Montoro e Brizola: apoiando a volta dos comícios-monstros

Volta às ruas a luta pelas diretas-já

Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro voltam a realizar manifestações pelas diretas, desta vez no momento em que é votada em Brasília a alteração da emenda Leitão-Figueiredo viabilizando as diretas já. Com o apoio dos governadores opositores, o movimento popular volta às praças públicas exigindo o direito de eleger o presidente do país.

A partir de segunda-feira, o Brasil volta a ser agitado pelos grandes comícios pró-diretas. Centenas de milhares de pessoas retornarão às praças públicas dia 25 em Curitiba, dia 26 em São Paulo e dia 27 no Rio de Janeiro. As manifestações visam forçar o Congresso e aprovar os substitutivos que restabelecem as diretas já, quando da votação da emenda Figueiredo-Leitão em Brasília.

Os governadores opositores deverão comparecer aos três comícios. Para o de São Paulo até o vice-presidente Aureliano Chaves, que tem-se declarado favorável às diretas, está sendo convidado.

No Rio de Janeiro deverá ser realizada um passeio da Candelária à Cinelândia, com um grande comício de encerramento no dia 27. Já no dia 26 haverá um comício em frente às barcas em Niterói. Para o comício de quarta-feira "esperamos qualquer coisa em torno de 200 a 300 mil pessoas", comentou o jornalista Augusto Villas-Boas, integrante do Comitê Pró-Diretas carioca.

Haroldo Lima e Aldo Arantes lançam livro

No último dia 20 os deputados federais Haroldo Lima (PMDB-BA) e Aldo Arantes (PMDB-GP) lançaram no Salão Nobre da Câmara dos Deputados seu livro *História da Ação Popular: da JUC ao PC do B*. Editado pela Alfa-Omega, o livro conta nas suas 176 páginas toda a história da AP, da sua fundação através dos movimentos católicos no começo da década de 60 até a sua incorporação definitiva ao partido Comunista do Brasil, em 1972. O livro já está à venda nas livrarias de todo o país.

Escrito fundamentalmente na prisão, quando os autores cumpriam pena incursos na Lei de Segurança Nacional, seus originais foram concluídos no Natal de 1978. Sairam do presidio político de São Paulo camuflados em um vaso de flores dado de presente a um amigo. Depois de ser revista e retocada, a obra finalmente é editada. Na opinião de Aldo

Arantes, "o livro é sobretudo um relato da história política do país nos últimos anos". Haroldo Lima destaca a importância do trabalho para o atual momento: "Ao analisar a história da AP, o livro toca em questões de extrema atualidade para todos aqueles que lutam pela conquista da democracia e da liberdade em nosso país". O livro também publica em anexo um documento inédito: a resolução do Comitê Central do PC do Brasil sistematizando a experiência da AP quando da sua incorporação. Esse documento foi apreendido no episódio conhecido como Chacina da Lapa, quando uma reunião do CC do PC do Brasil foi atacada pela repressão, em 1976. Na ocasião foram presas diversas pessoas, inclusive os autores do livro, e assassinados os dirigentes comunistas Pedro Pomar, Angelo Arroio e João Batista Drumond. (da sucursal).

Oposição e povo unidos para pôr fim ao regime militar

Discurso pronunciado na Câmara Federal, quarta-feira dia 20.

No próximo dia 27 o Congresso Nacional terá uma nova oportunidade para reconciliar-se com o povo brasileiro. Nesta data, ao votar a proposta de emenda constitucional apresentada pelo governo e que joga as eleições diretas para o distante 1988, o Congresso terá sobre si os olhos e as atenções de toda a nação. Desde o histórico comício de Curitiba, em janeiro passado, até o não menos histórico comício de Brasília, no início de junho, milhões de brasileiros saíram às ruas para gritar por diretas já. Estas duas palavras, simples e singelas, revelam uma aspiração da quase totalidade do povo brasileiro. Cansado de suportar o ônus de uma crise econômica da qual não é responsável, de ser esmagado por uma política arbitrária, de ser impedido de se manifestar e de organizar livremente, enfim, de sofrer as agruras praticadas durante os últimos 20 anos pelos sucessivos governos militares, o povo deste país está decidido a dar um basta definitivo a esta situação de fome, de miséria e de opressão.

O grito de diretas já é sinônimo de profundas transformações sociais, da necessidade imperiosa de mudança. Ao grito das diretas já, o povo deste país está dizendo que quer pôr um fim definitivo ao regime militar que infereza a nação. Alheio a este clamor popular e insensível às reivindicações de mudanças sociais emitidas pelas ruas, nos campos e praças de todo o país, o governo agonizante do general Figueiredo, mostrando mais uma vez o seu caráter antidemocrático e antipopular, optou por impedir que as eleições diretas-já fossem aprovadas, quando da votação da emenda Dante de Oliveira; usou todo o seu arsenal de pressões, chantagens, ameaças para fazer com que parcelas significativas do PDS preferissem se colocar contra o povo, negando o quórum necessário para a aprovação da emenda. Mesmo assim, não foi possível conter as insituras e as dissidências no seio do partido governista. Os valerosos e dedicados companheiros do Pró-Diretas do PDS, suplantando todas as ameaças, estiveram em plenário dizendo sim às diretas-já.

PDS agoniza junto com o governo que pretendia defender

Depois dessa etapa, contando com a perplexidade que tomou conta da nação e das oposições, o governo de Figueiredo enviou sua emenda a esta Casa, numa nítida e clara manobra protelatória, propondo a volta das eleições diretas para 1988, mantendo o ilegítimo e espúrio Colégio Eleitoral e incluindo algumas tímidas alterações no texto constitucional, que não atendem em quase nada às reivindicações nacionais e populares. Agora, quando se aproxima a data da votação de sua emenda, se evidencia novamente uma perspectiva de que as oposições, aliadas à cada vez maiores e mais frequentes dissidências pedesistas, consigam aprovar as diretas-já.

Ao mesmo tempo, no seio das hostes governistas aprofundam-se a divisão, a discórdia e a rebelião. O PDS se transformou numa verdadeira Torre de Babel, onde cada um fala uma língua diferente. Longe de ser o partido do governo, unido e coeso em torno de determinados objetivos, o PDS está fracionado em diferentes grupos, cada um deles defendendo interesses distintos e até mesmo antagonísticos. De um lado, os malufistas, estimulados e alimentados pelo acaudamento de seu chefe, atuam como verdadeiros kamikazes, atirando contra tudo e contra todos que ameacem a insane escalada de Paulo Maluf à Presidência da República, repudiada pela quase totalidade da nação e do próprio governo. De outro, os seguidores dos demais presidenciais, armando damas e cildas para deter Maluf. E de outro ainda, há aqueles que defendem claramente as diretas-já e juntam seus esforços ao povo e à oposição



Campanha pelas diretas-já: foi um erro retirar o povo das ruas

para aprová-las. Os recentes episódios que envolveram a proposta de prévia e a renúncia do senador José Sarney da presidência do partido revelaram com nitidez que o PDS também está agonizando junto com o governo e o regime que pretendia defender e representar.

Momento exige ação política capaz de mobilizar o povo

No quadro extremamente complexo da sucessão presidencial, cabe às oposições e aos setores verdadeiramente comprometidos com a vontade da nação redobrar a vigilância e traçar uma política política adequada ao momento e que leve à conquista de seus objetivos básicos. As oposições e o povo querem dar um fim definitivo ao regime militar. Entendem que o caminho menos traumático, menos doloroso e mais simples para isso são as eleições diretas já. Mas devem estar preparados e dispostos para fazer todas as batalhas que se fazem necessárias para derrotar o governo, pôr fim ao regime militar e conquistar a verdadeira democracia. Se as diretas-já não forem obtidas, a luta não vai terminar. O que a nação deseja é, acima de tudo, promover mudanças profundas na estrutura política e econômica do país. Se isso não for possível através das eleições diretas, o será por qualquer outra forma.

O momento não permite líricas e românticas declarações de princípio inconsequentes e precipitadas. O momento exige, isto sim, uma ação política concreta e objetiva, capaz de mobilizar as amplas massas do país, acumular

forças e derrotar o regime. Nesse sentido, tem fundamental importância a reunião dos governadores opositores realizada em São Paulo. Ao apoiar a tese do candidato único das oposições para executar um programa de transição democrática definido pelo conjunto das forças populares e democráticas, reafirmar a defesa das diretas-já e alinhar alguns pontos que devem constar desse programa mínimo comum de governo, os governadores de oposição alinharam-se mais uma vez ao lado de toda a nação.

No entanto, isso ainda não é suficiente para se conquistar a vitória. A importância do candidato único é reconhecida por todos. Este é, sem dúvida, o melhor caminho para se chegar ao poder. Só através de uma sólida unidade das forças opositoristas é que teremos condições de acumular as forças necessárias para derrotar o regime. Ao lado desse candidato único das oposições para pôr fim ao regime militar deve se articular uma ampla mobilização popular. As oposições já perceberam o erro cometido quando, após a votação da emenda Dante de Oliveira, optaram por retirar o povo das ruas achando que isso facilitaria as negociações parlamentares. Ao contrário, a nação se imobilizou e ninguém negociou nada. De um lado, porque o governo realmente não está disposto a negociar nada. De outro, porque não há nada que ser negociado. O impasse político que vivemos é claro. O governo e o regime querem manter-se no poder, não entregar o poder ao povo. A oposição, o povo e a nação, de seu lado, querem conquistar o poder, derrotar o regime militar e construir a democracia. Portanto, duas coisas distintas e inconciliáveis. O cami-

OPINIÃO PARLAMENTAR
Aurelio Peres
Operário metalúrgico,
deputado federal - PDS/SP

nho da mobilização popular é fundamental para se conquistar a vitória.

O candidato único das oposições não pode ser unido em conversas fechadas e em encontros de gabinetes. Ele deve ser um candidato escolhido através de um amplo processo de unidade das forças opositoristas e de mobilização popular, e deve sair às ruas em campanha. A campanha do candidato único das oposições pelo fim do regime e pela conquista da democracia precisa ter o povo ao seu lado. Esse candidato deve percorrer o país de norte a sul, levando as propostas de mudanças políticas, econômicas e sociais para toda a nação. Com a campanha nas ruas estarão criadas as condições para se conquistar a vitória e se mobilizar o povo em defesa desse candidato e desse programa. A mobilização popular deve ser imediatamente retomada, antes mesmo da votação da emenda do governo, e deve ser permanente. Neste sentido, são importantes para o desfecho favorável desta luta os comícios marcados para o dia 25 em Curitiba, 26 em São Paulo e 27 no Rio de Janeiro.

Em busca de um candidato único e um programa comum

O lançamento deste candidato deve ser um vigoroso e combativo ato político onde toda a sociedade brasileira esteja presente e representada. Esse candidato deve ser o candidato de todas as forças democráticas da nação, inclusive os colocados na ilegalidade, da ABI, da CUT, da Conclat, da UNE, da UBES, das associações de moradores, dos sindicatos, enfim, de todos aqueles que desejam dar um basta definitivo ao regime militar e construir um novo regime, de natureza popular e democrática, capaz de tirar o país da crise em que foi mergulhado. O candidato de um programa definido com a participação de todos estes segmentos terá o respaldo de toda a nação.

O programa comum de governo saído das discussões e dos debates entre todos estes setores sociais deve conter os pontos fundamentais para se efetuar a transição democrática exigida pela nação, salvar a economia nacional e executar um plano de emergência que dê emprego e salário justo para todos e seja capaz de tirar o país da crise. Questões como o rompimento dos acordos com o FMI, a suspensão do pagamento da dívida externa, o fim da intervenção nos sindicatos, a legalização de todos os partidos políticos, o fim da política de arrocho salarial, a retomada do desenvolvimento econômico e agrícola e a adoção de uma ampla reforma tributária devem estar necessariamente contempladas neste programa comum. Além disso, a convocação de uma Assembleia Nacional Constituinte e a ampliação, garantia e preservação das liberdades democráticas são questões essenciais para um governo comprometido com a liberdade e democracia.

A luta exige diretas-já para presidente da República. O povo brasileiro, mobilizado nas ruas de todo o país, já condenou o Colégio Eleitoral, instrumento espúrio e ilegítimo destinado a garantir a manutenção dos atuais detentores do poder. Unidas e coesas em torno de seu candidato único e de um programa comum, as oposições e o povo lutarão de todas as formas para derrotar o regime e construir a democracia.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Duas visões do sindicalismo

A eleição para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo coloca em confronto duas concepções sobre o movimento sindical. A Chapa 2 fala em "sindicato combativo". Mas sua visão estreita leva a uma atuação que afasta as massas da entidade e transforma o Sindicato em biombo para a ação de grupos. A Chapa 1 procura unir as mais amplas forças atuantes no sindicalismo, para construir um instrumento poderoso, baseado na unidade dos trabalhadores, capaz de enfrentar os patrões e o governo.

FALSA RENOVACÃO

Em função do atrelamento dos sindicatos ao Ministério do Trabalho, os trabalhadores tiveram suas entidades classistas deformadas e viciadas, e um anseio geral renovar o sindicalismo, livrá-lo da submissão ao Ministério, varrer os pelegos e outros elementos patronais de suas diretorias, transformar de fato os sindicatos em organismos de luta contra os patrões e contra a exploração capitalista.

Mas a pretensão de "renovar", os trotsquistas e certos setores pequeno-burgueses ligados à Igreja tratam de criar grupos estreitos, em geral acobertados com o nome de "oposição" que, ao invés de atuar dentro dos sindicatos, procuram esvaziá-los. Critam palavras de ordem pretensamente radicais, porém desprezam as conquistas concretas do dia-a-dia. Ao mesmo tempo, dificultam a luta do movimento sindical em favor das liberdades democráticas e contra o regime militar. Se chegam a empalmar a diretoria do sindicato, imediatamente a transformam em "aparinho" a serviço de seu partido e não em instrumento do conjunto da categoria.

AÇÃO DE MASSAS

A renovação sindical não será realizada desta forma. Nem por decretos de cúpula. Depende da ação das massas e da unidade dos trabalhadores. Será conquistada no bojo das lutas, na medida em que cresce a consciência dos trabalhadores, por sua própria experiência prática, e se consolida no seu interior uma corrente sindical classista.

Nem sempre é possível uma mudança drástica de imediato. Muitas vezes, inclusive, é necessária fazer alianças e composições, mesmo com setores muito atrasados mas que ainda contam com a simpatia de camadas das massas.

O essencial é identificar o sentido do processo. Em determinado momento, tais composições ao mesmo tempo em que incorporam amplas massas na luta sindical, facilitam o crescimento da corrente sindical classista enquanto paralisam os elementos mais atrasados ou perniciosos. Nesta questão, o doutrinarismo só pode conduzir a soluções infantis que distanciam a vanguarda das massas.

ELEVAR A CONSCIÊNCIA

Em 1981, quando as portas do Sindicato estavam fechadas para os trabalhadores, a União Metalúrgica concentrou chumbo grosso contra a atividade pelega da diretoria de então. Agora, em grande parte como fruto deste combate, o Sindicato sofreu mudanças significativas. Tornou-se possível uma chapa de composição, a qual só os cegos não vêem que favorece à ampliação do espaço para as correntes mais consequentes no meio operário.

Só não se lançam entusiasticamente neste importante combate, abraçando com vigor a campanha da Chapa 1, os trabalhadores que ainda são marcados por uma influência religiosa "purista". Perdem-se, então, em elocubrações moralistas, em vez de guiarem-se pela noção de classe. Temem unir-se aos seus companheiros atrasados, que ainda são influenciados pelos pelegos, e com isto se recusam a ajudá-los a se livrar do atraso e a adquirir uma consciência proletária de vanguarda.

(Rogério Lustosa)

Dívida externa-1984: o drama dos povos latino-americanos

A quantas anda o problema da dívida externa, brasileira e mundial? Há um ano, ele era manchete obrigatória nos jornais; deixou as primeiras páginas depois que estalou a campanha pelas diretas e a crise sucessória tornou-se aguda; mas ninguém pense que houve alguma melhoria.

Só a dívida externa da América Latina, ao fim deste semestre, passa dos 350 bilhões de dólares, sendo 100 bilhões do Brasil. Após mais de três anos de recessão para pagar os juros da dívida, o Continente passou a ter 27 milhões de desempregados — número equivalente à população da Argentina —, e em 1984 a situação chega perto do insuportável. Quatro aspectos merecem destaque na evolução recente do problema:

A maior taxa de juros da história

No primeiro semestre deste ano, a taxa internacional de juros subiu 2%, chegando a 13% ao ano. Estes números nem de longe dão idéia do impacto da alta. Só para o Brasil, em 1984, ela causa um prejuízo que daria para construir 4,8 milhões de casas populares, abrigando uma população igual às da Grande São Paulo e Grande Rio de Janeiro juntas.

Descontada a desvalorização do dólar, esta é a taxa de juros mais alta da história, junto com a de 1982. Isso levou o pânico à América Latina, que paga a maior parte da sua dívida pelo sistema de *juros flutuantes* — quando sobe a taxa de juros, sobe também o total a pagar. Ninguém sabe quanto tem de desembolsar. Quem determina é a taxa de juros.

E quem determina os juros? No sistema capitalista é a lei de oferta e procura de crédito. Se há muita gente querendo emprestar dinheiro, os juros baixam. Se há muitos pedindo emprestado, eles sobem. Acontece que hoje há uma forte distorção tanto na oferta como na procura de crédito.

A distorção na oferta está ligada à concentração do capital financeiro. Menos de cem bancos gigantes mandam no mercado mundial. Os juros são altos porque são juros de monopólio. Esta é a primeira distorção, típica da fase do imperialismo. Mas, na conjuntura atual, há uma outra distorção, na procura, que também empurra os juros para cima: o déficit público dos EUA, que só este ano chega a 200 bilhões de dólares — o dobro da dívida externa brasileira.

O governo americano simplesmente gasta mais do que recebe. Sai caro sustentar o gigantesco império naval, invadir Granada, agredir a Nicarágua e El Salvador, preparar a guerra em todo o planeta e até no espaço. Estes gastos elevaram a dívida interna do governo americano para a cifra astronômica de 1,5 trilhão de dólares — bem mais que a dívida externa de todos os países dependentes do mundo.

A Casa Branca cobre o rombo do déficit pedindo dinheiro emprestado. Com isso, aumenta enormemente a procura de crédito e faz as taxas de juros explodirem — apertando a corda no pescoço dos países devedores.

Povos não aceitam pagar essa conta

Nos dias 23, 24 e 25 de abril, a República Dominicana viveu uma rebelião popular: passeatas, greves, tomadas de mercados, barricadas, batalhas campais contra a polícia, e depois contra tropas e tanques do Exército. Foram 52 mortos, 157 feridos, 4.358 prisões e centenas de automóveis destruídos. A luta foi contra a política do FMI, que mandara triplicar os preços do pão, leite, trigo e óleo de cozinha. O levante do povo obrigou o governo a romper as negociações com o FMI, em fins de maio.

Coisa parecida aconteceu em Honduras: após protestos nos quais dezenas de populares perderam a vida, veio o rompimento com o Fundo.

O povo boliviano também deu uma vigorosa demonstração da sua força. Logo que o governo tentou implantar o plano imposto pelo FMI, em 12 de abril, começou uma onda de protestos e greves gerais que durou 47 dias e só parou quando o presidente, Siles Suazo, negociou com a COB (Central Operária Boliviana) e anunciou a suspensão do pagamento da dívida.

Surge o fenômeno da "politização"

Estes são os pontos altos de algo que se vê atualmente em toda a América Latina: povo na rua, lutando contra o imperialismo, enfrentando as medidas esmoeadoras do FMI. O fervilhar dos movimentos patrióticos passou a ser um dos elementos mais dinâmicos do problema da dívida.

Sob pressão de seus povos, e sem dinheiro para pagar os juros, vários chefes de governo da América Latina começaram este ano a esboçar certa reação aos credores. Sabe-se que o patriotismo da quase totalidade dos governantes latino-americanos não merece confiança. De qualquer forma, passaram a encarar a dívida como uma questão política. E criaram um embrião, embora tímido, de frente regional de devedores.

É a chamada *politização* da dívida externa. Para os banqueiros a dívida é uma questão técnica, que os ministros econômicos dos devedores devem tratar com os bancos privados e com os funcionários subalternos do FMI. Outro princípio deles é lidar sempre com países isolados. É como diz o sr. Wrinton, do Citibank: "Cada caso é um caso".

Ocorre que esta "questão técnica" está arrebatando a soberania das nações. E se os devedores têm de se apresentar isolados, os banqueiros só agem fortemente unidos. Assim, a recém-nascida articulação de Argentina, México, Brasil e Colômbia, pedindo juros menores e prazos maiores, não deixa de ser uma transgressão das regras dos banqueiros. Mesmo bem comportada e de curto alcance, é um fato novo.

Imperialistas não querem conversa

Apesar da reação dos povos, das articulações dos devedores, dos juros exorbitantes, tanto os banqueiros privados como os governos imperialistas não recuam um milímetro na sua estratégia de domínio. Ao contrário, partem para a ofensiva. Tratam de jogar os "bons devedores" (bons para eles), como Brasil e México, contra os "rebeldes".

Isto ficou claro na reunião dos *Sete Grandes* (EUA, Japão, Alemanha, Inglaterra, França, Itália e Canadá), realizada em Londres dias 8 e 9 de junho. Os governantes imperialistas acenaram com prazos maiores... mas apenas para os "bons meninos", que seguem à risca o FMI. O foco maior da inflexibilidade foi o governo Ronald Reagan.

4 PROPOSTAS

O agravamento do quadro da dívida precipitou a discussão sobre a saída para os endividados. A grosso modo, há quatro propostas em debate: duas de submissão ao imperialismo e duas outras de resistência.

Entregar tudo

É a saída favorita dos banqueiros e dos governos das grandes potências. Está sendo aplicada quase ao pé da letra no Chile, sobre os cadáveres dos patriotas assassinados pela ditadura de Pinochet. O resultado é a reconquista da economia chilena, a ruína da indústria e uma taxa de desemprego que em Santiago castiga um quarto da mão-de-obra.

No Brasil, o maior paladino da entrega total é Roberto Campos, senador do PDS. Ele propõe que se resolva o problema com a liberação total da remessa de lucros para o exterior e com a livre entrada de bancos e capitais estrangeiros no Brasil.



A receita Alfonsín

Campos é claro e atencioso ao expor a solução dos banqueiros, baseada em dois eixos: "as exportações e a redução da participação do setor público na economia". Pretende que o Brasil trabalhe em tempo exclusivo apenas para pagar a dívida, num esquema altamente exportador, destruindo o mercado interno e perdendo qualquer autonomia industrial. Já a briga com o setor público visa a torpedear as empresas estatais, as únicas que teriam calibre para desafiar as multinacionais.

A idéia de Campos é fazer do Brasil uma grande Zona Franca, uma espécie de Singapura, Coreia ou Hong-Kong tamanho família, com as portas escancaradas para explorar nossa mão-de-obra e recursos naturais.

Continuar rolando

É a proposta aplicada no México e também no Brasil, pela dupla Delfim-Galvêas. No fundo, não passa de uma variante pragmática, à prestação, da entrega total. Foi assim resumida por Ernani Galvêas, há dias, na Escola Superior de Guerra: "Não vamos pagar dívida alguma. Os banqueiros sabem disso. Vamos pagar os juros e, quando o dinheiro não der, eles nos darão mais, para continuar a pagar os juros".

A idéia é, portanto, rolar, ir levando a dívida e pagar "apenas" os juros. Contudo é exatamente isso que os usuários da dívida querem. Os juros são o lucro dos banqueiros. Eles só emprestam dinheiro para embolsar os juros, a taxas que eles mesmos ditam e com comissões crescentes.

As principais consequências dessa política são, de um lado, o aumento brutal do montante dos juros; e de outro, novas concessões, entreguistas cada vez que se negocia a *rolagem* das amortizações.

Pode parecer que a linha de rolar a dívida é apenas momentânea, entretanto ela já está em vigor há mais de quatro anos e trouxe mudanças profundas na nossa estrutura econômica. A participação dos EUA nas exportações brasileiras, por exemplo, pulou de 15% para 30% nestes quatro anos.

É a alternativa argentina, depois da eleição de Alfonsín, que enviou sua "carta de intenções" diretamente a De Larosière, o chefe do Fundo. Conteúdo da carta: pede dinheiro mas não engole a receita do FMI; diz que aumentará os salários entre 6% e 8% acima da inflação e recusa-se a aplicar uma política recessiva. No Brasil, esta tese de negociar a partir de uma posição de força tem seus adeptos nas oposições e até em setores do PDS: defendem uma moratória e articulações com os demais devedores para forçar a baixa dos juros.

É uma posição distinta das anteriores, porque em muitos casos representa uma tentativa de resistência. No entanto tende à conciliação com os vorazes credores. E tem muito de ingenuidade, pois nos gabinetes dos bancos não há posição de força possível para os devedores.

A Venezuela desde 1983 segue esta linha, com uma seqüência de moratórias de dois ou três meses, e continua sofrendo pela dívida e por seus altíssimos juros.

Romper as amarras

Na mesma linha de resistência, esta alternativa distingue-se da anterior por não partir da aceitação do sistema usurário. Considera como ponto de partida a ruptura das amarras que prendem os devedores aos impérios financeiros. É a posição dos movimentos populares latino-americanos e, no Brasil, tem sido vitiosa em quase todas as instâncias do movimento sindical, estudantil, de moradores e outros.

Em termos imediatos, propõe a suspensão do pagamento da dívida externa até que a população decida o que fazer. Isto implicaria uma verdadeira devassa para se saber quanto se deve, para quem e em que condições, e também um debate democrático no qual todos poderiam opinar.

A força desta posição reside em que o povo, que nunca se beneficiou dos empréstimos externos, é quem suporta o ônus do pagamento, sendo natural, portanto, sua simpatia pela tese da ruptura com os banqueiros.

Princípios

Revista teórica, política e de informação MAIO 1984 C. R. 2000.00



EDITORA ANITA GARIBALDI

O Trotskismo — corrente política contra-revolucionária: artigo do veterano dirigente comunista João Amazonas criticando, de um ponto de vista marxista-leninista, as teorias falsas de Trotsky e seus seguidores.

Em defesa da liberdade: discurso histórico de Maurício Grabois contra a cassação dos mandatos dos deputados comunistas em 1948.

Pedidos à Editora Anita Garibaldi Ltda. com envio de cheque nominal no valor de Cr\$ 2.000,00.

ATENÇÃO: Novo endereço da Editora Anita Garibaldi — Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 317, sala 43 - CEP 01317 - fone: 34.0689.

Greve e ocupação da CSN em Volta Redonda

A zero hora da quarta-feira, dia 20, os 22 mil operários da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda (RJ), entraram em greve, fato inédito nos 43 anos de existência da empresa estatal. Os trabalhadores também ocuparam as instalações da CSN e, segundo a direção da Companhia, cada dia de paralisação acarreta um prejuízo de Cr\$ 5 bilhões.

Os metalúrgicos apresentaram uma pauta com 45 reivindicações. Entre estas se destaca a equiparação dos salários da CSN aos da Companhia Siderúrgica Paulista (Cosipa). Embora ambas sejam empresas estatais, o piso salarial da CSN é de Cr\$ 130 mil, enquanto o da Cosipa ultrapassa os Cr\$ 200 mil, segundo informações do Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda. Os trabalhadores também reivindicam estabilidade no emprego.

Aferido ao decreto-lei 2.065, o governo se mantém intransigente em aceitar as exigências dos operários da CSN. O ministro da Indústria e Comércio, Camilo Pena, afirmou que não pretende aceitar a equiparação dos salários dos grevistas com os dos operários da Cosipa. Isto apesar da CSN ter todas as condições de conceder melhores aumentos. No ano passado a Companhia obteve grandes lucros com as exportações. Ela exportou um

milhão e 118 mil toneladas de aço. Além disso a produtividade da empresa, considerando-se homem/hora/ano, cresceu 34,7% em 1983.

O movimento dos operários da CSN tem se caracterizado pela grande combatividade e unidade. Na sexta-feira, dia 15, o Sindicato ocupou a usina por uma hora e meia. No domingo foi realizada a assembleia com cerca de 15 mil metalúrgicos presentes, que marcou o início da greve para quarta-feira, caso a direção da empresa se mantivesse intransigente. A decisão da greve na quarta foi tomada em votação individual e secreta.

A greve se iniciou na madrugada do dia 20 com a adesão total. Por orientação do Sindicato os 500 funcionários continuaram trabalhando nos altos-fornos, na coqueria, na fábrica de oxigênio e nos sistemas de água e oxigênio.

Além da greve, a assembleia de domingo decidiu pela ocupação da empresa a partir das

16 horas de terça-feira. Os operários que chegavam à fábrica neste dia já traziam colchonetes e comida, preparados para dormirem no interior da empresa. Nas negociações realizadas no Tribunal Regional do Trabalho, a direção da CSN se mostrava mais revolta com a ocupação da empresa do que com a própria greve.

AÇÃO DO SINDICATO

O Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda teve um papel de destaque na organização e deflagração da paralisação. José Juarez Antunes, presidente do Sindicato, eleito há nove meses, desde que tomou posse não pôde entrar na siderúrgica, proibido pela direção da CSN. Apesar disso, o Sindicato realizou o trabalho de preparação do movimento.

A Tribuna Operária entrevistou José Juarez no dia do início da greve. Segundo ele, os grevistas têm recebido ameaças da empresa. "A direção da CSN ameaça o Sindicato e os trabalhadores, dizendo que a greve e a ocupação são ilegais. Inclusive me ameaçaram de prisão por conduzir a ocupação. O próprio Sindicato está ameaçado de pagar uma multa pela atitude. Parece que eles não estão muito acostumados com os trabalhadores lutando por seus direitos. Mas da nossa parte isto não nos intimida."

Ele também ressaltou a importância da solidariedade do povo. "O apoio da comunidade está sendo muito importante. Hoje recebemos 10 mil refeições doadas por outros sindicatos e associações de moradores de bairros. O Fundo de Greve está funcionando bem organizado. E com a continuidade do movimento este apoio só deve aumentar. Da parte dos grevistas da CSN isto dá mais força à greve, e o clima lá dentro é espetacular, com muita unidade e animação." (da sucursal).



Os canavieiros querem um preço melhor pela cana cortada

Greve alastra-se nos canaviais do sul de Goiás

Mais de 3.500 cortadores de cana volantes do sudoeste goiano deflagraram greve a partir do dia 15, para exigir melhores preços pelo metro da cana cortada. O movimento atinge os municípios de Indiara, Acreúna, Jandaia, Palmeiras, Guapó, Edéia e os distritos de Cesarina, Linda Vista e Posselândia. No dia 18, foi constituído um Comitê de Apoio aos grevistas.

A greve foi fruto de um intenso trabalho de organização dos trabalhadores realizado pelos sindicatos de trabalhadores rurais locais e pela Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Goiás (Fetaag). Foram feitas diversas assembleias de canavieiros, mas os patrões sempre vinham proferindo o atendimento das suas reivindicações. Nas assembleias realizadas nos dias 16 e 17 nos municípios de Acreúna, Jandaia, Maurilândia e Indiara, os trabalhadores rechaçaram o prazo do dia 26 proposto pelos fazendeiros.

Em Acreúna, no dia 15, começaram os "paradeiros", que se espalharam como um rastilho de pólvora para os outros municípios, tal era o grau de revolta entre os canavieiros. Numa assembleia dos cortadores de cana em Maurilândia, os 250 trabalhadores presentes elegeram duas mulheres para negociar com os patrões: Gercina Maria do Nascimento e Nelsi Alves Pereira. O caso de dona Gercina serve para ilustrar a dramática situação vivida por estes assalariados rurais.

Ela foi demitida da Usina Agromom porque, junto com outras companheiras, estavam reivindicando melhores preços na "bituca", serviço de coletar a cana que a máquina deixa cair. Gercina luta para receber os direitos trabalhistas referentes aos nove meses em que esteve empregada na usina. "A gente trabalha o dia inteiro, de sol a sol, e o que ganha não dá nem para comprar um quilo de carne", reclama.

ORGANIZAÇÃO

A organização é a principal arma dos rurais. Em Acreúna, os piquetes montados passam a noite nas estradas que dão acesso às usinas. Em Rio Verde, 165 trabalhadores foram

Aldo apóia canavieiros

O deputado federal pelo PMDB de Goiás, Aldo Arantes, pronunciou na Câmara dos Deputados, no último dia 14, um discurso apoiando os canavieiros. "A luta dos trabalhadores rurais de Goiás, particularmente dos cortadores de cana, é de extrema justiça", afirmou. "Submetidos a escorchantes condições de trabalho, beirando o regime de semi-escravidão, recebendo salários insignificantes, os cortadores de cana começam a dar uma demonstração de sua firme e combativa disposição de luta. Eles lutam por um preço mais justo para a tabela por corte de cana por metro corrido de cinco linhas; por repouso semanal remunerado; 13º salário; direito a férias; assinatura da Carteira de Trabalho, fornecimento gratuito de transporte com segurança, atendimento médico e água tratada", acrescentou ele em outro trecho.

demitidos porque haviam participado de uma assembleia reivindicatória. Foi formada uma comissão e diante da pressão os patrões se readmitiram.

O presidente da Fetaag, Amparo Sesil do Carmo, afirmou à Tribuna Operária que "os trabalhadores estão manifestando uma disposição de luta muito grande". Ele informou que nos piquetes nas vias próximas às destilarias Nova União e Alcool Verde, conseguiram a adesão de dois mil canavieiros transportados em 22 caminhões.

Mobilização vitoriosa dos operários da Sur

Os 530 funcionários da Fábrica de Elevadores Sur, em Guaiaba, na Grande Porto Alegre, obtiveram uma expressiva vitória graças à sua união e organização. A sua luta culminou com uma paralisação em toda a fábrica no dia 8; e a empresa aceitou negociar as principais reivindicações: aumentos salariais, reclassificação de funções, estabilidade por dois anos e pagamento de insalubridade.

A mobilização dos operários da Sur veio num crescendo desde o ano passado. A presença constante do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre — a fábrica tem 95% dos operários sindicalizados — e uma liderança firme e equilibrada foram fundamentais para dobrar os patrões, que tentaram se manter irredutíveis. (funcionários da Sur, amigos da TO)

Após os lucros de verão, demissões na Brahma gaúcha

A Cervejaria Brahma, em Porto Alegre, está demitindo em massa. Só este ano já foram despedidos 200 operários — 59 no último dia 12, além de 40 que entraram em férias. Segundo o Sindicato da Alimentação, "a cervejaria demite seus empregados depois de um verão que propiciou o maior volume de vendas dos últimos anos, deixando um fabuloso lucro à empresa". Roberto Carneiro, presidente do Sindicato, disse em assembleia da categoria que "se não nos unirmos, vamos todos para a rua. Somente nós podemos lutar para impedir as demissões".

No mesmo dia, o gerente da Brahma, Walter Becker, percorreu a fábrica afirmando que "ficaram os melhores na empresa. Daqui para frente ninguém mais será demitido".

Contudo o operário Sebastião, diretor do Sindicato, retrucou as palavras do burguês: "Quer agradecer suas palavras de anestesia, mas não acredito nelas. A empresa havia se comprometido de que não haveria demissões, e mais de 200 já foram pra rua". (da sucursal)

Professores do Ceará completam um mês de greve

Os professores da rede municipal de ensino de Fortaleza e os da rede estatal do Ceará estão em greve desde o dia 24 de maio. Na capital a paralisação é total. Várias categorias e vários órgãos da administração direta e indireta do Estado e do município estão aderindo ao movimento.

No dia 18, os grevistas realizaram assembleia, com mais de 5 mil funcionários, e decidiram que não voltarão no trabalho enquanto não forem atendidas suas reivindicações: melhores salários; eleições diretas dos diretores das unidades de ensino; concurso imediato para efetivar os admitidos temporariamente; pagamento de salários atrasados; 13º salário, entre outras exigências. (da sucursal)

Funcionários da UFRJ contra punições à greve

A greve dos funcionários da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro cresce a cada dia. Além dos reajustes salariais (mais de 41% dos funcionários recebem menos de um salário-mínimo), reivindicam o uso do bandedeio, creche etc. Os grevistas estão em assembleia permanente desde o mês passado. Nas plenárias, discutem-se desde a corrupção dos chefes de setor até o corte de ponto de alguns grevistas.

No Jardim Botânico da UFRJ o chefe José Lobão Guimarães, após agredir um funcionário, não deixou bater o ponto. Lobão quase foi linchado por mais de 200 colegas do agredido que, revoltados, concentraram-se no local. (Djaló Apolinário, presidente da Associação dos Servidores da UFRJ)

Secundaristas elegem Diretas-Já em Brasília

Diretas-Já foi vencedora nas eleições da União Metropolitana de Estudantes Secundaristas de Brasília (Umseb), ocorridas no Congresso da entidade, dias 16 e 17 de maio. Realizado após dois anos da reconstrução da Umseb, o Congresso havia sido adiado por cinco vezes, foi boicotado por alguns diretores ligados à corrente *Libelu* e contou com pouco apoio, devido ao imobilismo e secretarismo de sua antiga diretoria. Mas agora os secundaristas deram a volta por cima e, segundo a presidente eleita, Raquel Andrade, da *Vitória*, as principais lutas da nova entidade serão contra a repressão e pela democracia nas escolas; contra os aumentos abusivos e semestrais; pelas diretas-já etc. (da sucursal)



Grevistas da CSN ficam concentrados no portão da empresa

Marreteiros paulistas lutam pelo direito de ficar na rua

Com a crise, aumento do desemprego, e com isso os marreteiros ou camelôs tomaram conta das ruas das grandes cidades. Vendem os mais diversos tipos de bugangas, frutas e doces para sobreviverem. Norival Abade Carvalho, 22 anos, vende tomate no seu tabuleiro no centro de São Paulo e comenta: "Temos que ser guerreiros, teimosos, senão vamos viver do quê?" Naquele dia de manhã, a fiscalização apreendeu suas mercadorias, mas à tarde ele estava de volta. Com este trabalho Norival sustenta sua mãe e cinco irmãos menores.

Os vendedores ambulantes, mais conhecidos em São Paulo por marreteiros, vivem uma situação tensa: ficam com um olho no freguês e outro na viatura da fiscalização. Norival é quem diz: "Aqui não tem garantia nenhuma". A principal luta deles é pela legalização de seu trabalho. Silvano Pereira de Menezes, presidente da Associação dos Comerciantes Milenares Marreteiros de São Paulo, explica por que criou a entidade: "Para combater esta grande discriminação que existe contra nós".

Algumas vitórias parciais já foram conseguidas, como os *bolões*, locais especialmente destinados para esse tipo de comércio. Silvano, que é motorista, mas está desempregado há três anos, conta que com muita dificuldade conseguiram organizar a Associação dos Marreteiros, acrescentando que para isso foi fundamental o apoio do vereador Walter Feldman.



Norival vendendo tomates: "Temos que ser teimosos, senão vamos viver do quê?"

O vice-presidente da Associação, Antônio Dias Lopes, 48 anos, conta que mantém seus nove filhos vendendo feragens domésticas e sandálias *havianas* em frente ao mercado municipal de São Miguel Paulista. Comenta que antigamente a situação era pior: "A gente tinha que pagar tanto para a polícia como para o investigador e ainda tinha que correr".

SITUAÇÃO DRAMÁTICA

Agripina Goulart da Silva vende meias e com isto sustenta toda a sua família. Sentada em um banco na Associação, face abatida, fala das suas dificuldades: seu marido é idoso e não trabalha; um filho é doente mental e uma outra filha, enfermeira, está desempregada e adoentada. "O único dinheiro que consigo ganhar por dia é em torno de Cr\$ 3 mil. Isso não dá pra comprar nem o feijão para sustentar as quatro pessoas lá em casa. Pa-

go Cr\$ 35 mil de aluguel e tem dia que sinto o máximo de desespero. Chego em casa e não tem arroz, feijão, nada", clama Agripina.

Outros que sobrevivem do comércio ambulante são alguns deficientes físicos. José Cláudio Domingos da Silva, 24 anos, paraplégico, vende maçãs na calçada da rua General Carneiro, centro de São Paulo. Ele era motorista de táxi, ficou paraplético quando foi assaltado e levou um tiro na coluna vertebral. "Faço tratamento até hoje e a renda que recebo não é suficiente para sobreviver. Tenho família e pago Cr\$ 70 mil de pensão por mês", explica Cláudio.

Os marreteiros enfrentam uma pressão constante dos grandes comerciantes que tentam enxotá-los das proximidades de seu comércio. E para barrar estas ameaças, os ambulantes estão se organizando. A criação da Associação dos Marreteiros é um primeiro passo importante para isso.

Chega ao fim o reinado do pelego na Fetag da Bahia

O reinado de 13 anos de um dos maiores pelegos do sindicalismo balano, Estevam Nunes de Almeida, caiu na última terça-feira. A Chapa 1, liderada por dois membros da atual diretoria, Aurelino Bastos e Aluisio Carneiro, conseguiu uma vitória esmagadora nas eleições da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag) por 127 a 25 votos.

A vitória já era esperada. A Chapa 1 foi forjada de forma democrática, em convenção que reuniu mais de 90 sindicalistas. Todos reclamavam o descompromisso de Estevam Nunes para com as lutas dos trabalhadores.

Mas mesmo este apoio expressivo das entidades sindicais não impediu que sindicalistas ligados ao PT, em nome de uma pseudo-democracia, tivessem pregado o voto nulo, defendendo o voto direto para a Fetag e Contag. A resposta foi dada nas urnas: apenas quatro votos nulos. E a chapa do pelego só conseguiu mais dez votos do que o número total dos integrantes da própria chapa.

COMPROMISSO DE LUTA

A votação transcorreu em clima de muita euforia. Era visível a vontade de mudança na Fetag. Todos apoiavam o programa da chapa vencedora, que fala na descentralização da atividade da Fetag, criando pólos sindicais e assumindo o compromisso de centrar fogo nas áreas em que os conflitos de terra são mais frequentes — a exemplo das regiões do cacau, de reflorestamento e do sertão, que vive da agricultura de subsistência e da pequena pecuária.

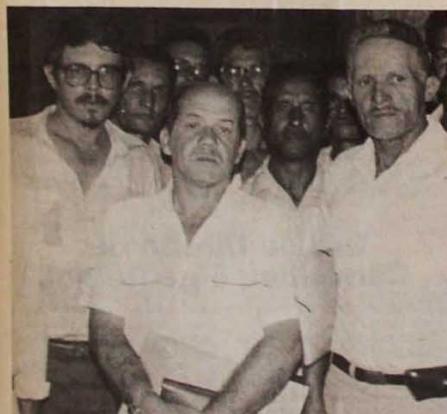
Não faltaram as provocações. Durante a votação distribuíram panfletos apócrifos acusando a Chapa 1 de ligada ao PC do Brasil. Em vez de ameaçar os camponeses, isto deu mais ânimo aos sindicalistas, que a todo momento faziam gozações com Estevam

Nunes, um confesso eleitor do PDS e defensor da candidatura Mário Andreazza para presidente da República.

O principal compromisso da chapa é levar a luta pela reforma agrária: "A terra deve pertencer a quem trabalha. Sua distribuição deve atender aos princípios da justiça social e produtividade" — diz a plataforma de trabalho da nova diretoria.

Wilson Martins Furtado, líder camponês, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Correntina e membro da chapa eleita, considera que a diretoria eleita representa os novos tempos que vivemos. Ele declarou que "a entidade não pode ficar a reboque dos acontecimentos, como ocorre sempre a cada assassinato de grileiros, a cada prática de grilagem, etc. Tem de estar junto, esclarecendo, atuando, preparando a luta, que é constante. Tem de estar nas áreas de conflitos onde a ação dos latifundiários e mais escancarada. Precisa dar atenção à legalização da posse da terra e debater os projetos do governo. Não receber os pacotes prontos, não se omitir, este é o compromisso da Fetag".

Aluisio Carneiro, ex-secretário e atual vice-presidente da diretoria vitoriosa, diz que "a nova direção da Fetag está coesa por ter sido escolhida em convenção democrática, com grande participação. Por isto tem maiores compromissos com a categoria, vai levar a entidade para o interior, vai combater a grilagem com vigor".



Aluisio (à esquerda) e Wilson (ao centro): novos diretores da Fetag

"Zé Ferrugem" vence as eleições em Recife

Zé Ferrugem, a chapa encabeçada por João Paulo, foi a vitoriosa nas eleições do Sindicato dos Metalúrgicos do Recife, ocorridas entre 13 e 15 de junho. Com 3.092 votos, derrotou a Chapa 2, uma articulação dos antigos pelegos que foram postos para fora do Sindicato em 1981, e que agora conseguiram 842 votos.

No programa de lutas, a nova diretoria levanta a questão do arrocho salarial, do direito de greve, de um sindicato independente do governo, e contra o desemprego. Aliás, a categoria foi duramente castigada por este mal — de 42 mil metalúrgicos há dois anos atrás, hoje existem 30 mil. A nova diretoria, em seu programa, também afirma: "O trabalhador precisa de democracia e de uma outra política econômica do governo", levantando a necessidade das diretas-livres.

Jorge César, secretário-geral da entidade, afirma que "o Sindicato defende a unidade dos

trabalhadores, a unificação numa central única, pois a divisão não ajuda o desenvolvimento do movimento. A unidade deve ser em cima da luta, com um plano mínimo de trabalho".

Quando a campanha pelas diretas, reconhece que "a classe operária entrou nela desorganizada. Mas temos um papel chamado na mobilização do conjunto dos trabalhadores e em empurrar a oposição liberal burguesa para frente, forçando-a a assumir propostas mais combativas".

Embora o Sindicato não tenha comparado à Plenária Unitária em São Paulo, por causa das eleições na entidade, está disposto a assumir "as resoluções tiradas de forma unitária".

A base do Sindicato passou a ser estadual desde 17 de junho último. A entidade tem uma subseção em Abreu e Lima e uma comissão de fábrica legalizada. (da scursal).

T0 causa impacto nas fábricas

Causou grande impacto entre os metalúrgicos da capital paulista a Edição Especial da Tribuna Operária que trata das eleições para a nova diretoria do Sindicato da categoria, em julho. Com denúncias vivas contra a ação anti-sindical de membros da Chapa 2 e uma exposição de motivos do porquê votar na Chapa 1, o jornal foi bastante procurado nas fábricas.

Como explica o Editorial, "a eleição no Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo — o maior do Brasil e da América Latina — interessa ao conjunto dos operários em todo o

país. Seu fortalecimento beneficia a luta de todas as categorias e favorece o combate geral pela liberdade e pelos direitos do povo". Nesta perspectiva, a T0 fez um intenso trabalho



Na Ford do Ipiranga, Tribuna causa impacto: "É um jornal sério"

Chapa 2 faz trapaça

No desespero pela desmoralização de suas teses, a Chapa 2 partiu para uma trapaça visando a confundir os metalúrgicos. No estilo dos falsificadores da direita, estes sindicalistas equivocados reproduziram às escondidas, e distribuíram amplamente, a edição especial da Tribuna Operária sobre as eleições sindicais metalúrgicas de 1981.

A má fé é evidente. Nesta edição nosso jornal tecia pesadas críticas à atuação pelega da então diretoria do Sindicato. Inclusive desmascarava a utilização da violência contra os operários atacados dos "Decio Malho". Foram críticas cortantes e não temos por que mudar uma vírgula no que foi publicado. Mas o que era adequado há três anos atrás não se adapta da mesma forma ao que acontece hoje. Entretanto os companheiros da Chapa 2 nem pensaram nisso e não vacilaram em usar deste expediente sujo para jogar poeira nos olhos dos trabalhadores paulistas.

Pior ainda. A prática dos "Decio Malho" está hoje sendo utilizada é pela Chapa 2. Nesta campanha já agrediram e feriram vários operários que faziam propaganda da Chapa 1. Na

Fundição Brasil chegaram a usar dois revólveres para intimidar trabalhadores que distribuíam a Tribuna. Mas não é só isto. Além de não ter por que e alterar o que foi publicado, temos certeza de que aquele combate coerente, baseado em princípios, foi um dos fatores importantes para que o Sindicato abrisse suas portas para a categoria, colocasse as sub-seções em funcionamento, salisse do imobilismo e fosse para as portas das fábricas, como faz agora.

Se hoje apoiamos a Chapa 1, de composição com a diretoria, é porque consideramos que as mudanças ocorridas justificam esta aliança. A Chapa 1 é representativa de uma ampla unidade e permite continuar, nas condições atuais, o combate iniciado em 1981 — apesar de não ser uma Chapa sem defeitos. Só quem não viu a mudança foram os elementos míopes da Chapa 2. Estão tão sem ideias, tão vazios, tão sem argumentos, que em vez de produzir seus próprios materiais de propaganda, tentam usar a fraude de distribuir um jornal de três anos atrás, para tapear os operários.

de reportagem, com idas às portas das fábricas e entrevistas com sindicalistas e políticos das mais variadas tendências para confirmar as denúncias publicadas. Tudo o que foi publicado está documentado e gravado e encontra-se à disposição de quem quiser ver e ouvir.

O jornal aponta dez razões para o metalúrgico votar na Chapa 1, **Unidade na Luta**, "que não é uma simples continuidade da gestão anterior, nem muito menos dos tempos de acomodamento e peleguismo que o Sindicato viveu depois de 1964. É a chapa da renovação. Incorpora uma parte da diretoria atual; e companheiros que no passado fizeram com razão — oposição à conduta da diretoria; companheiros que se destacaram nas fábricas durante as últimas lutas".

A Tribuna Operária também entra na briga eleitoral. Polemiza com cada uma das "falsidades mais cabeludas" da Chapa 2, que centra seu ataque ao Sindicato e deixa de lado os patrões e o governo. O jornal faz duras e comprovadas denúncias contra Hélio Bombardi, encabeçador da Chapa 2, que personifica a política anti-sindical desta articulação. Reconstituindo a história com inúmeros fatos, mostra que Bombardi furou a greve contra 18 demissões que ocorreram na sua fábrica, a Irlimp, em 1º de julho de 1983. Por último, numa entrevista exclusiva e gravada, mostra as boas relações de Bombardi com a direção da empresa. "Ele é um homem útil, muito útil, para a empresa", afirma

José Tiago Rodrigues, chefe de custo, assessor do departamento econômico e "homem de confiança da empresa", com ele próprio diz. Rodrigues é um defensor ardoroso da Chapa 2.

Com este farto material, a Tribuna caiu como uma bomba na campanha eleitoral. Na Ford, um dos poucos locais onde a Chapa 2 tem presença, o jornal causou grande repercussão. Segundo uma liderança da fábrica, "foi o melhor material que entrou dentro da Ford até agora. O jornal é bom porque fala a verdade e mostra os fatos. Ninguém questiona o que está escrito, porque está tudo detalhado, documentado. Não é um material de baixo nível, de xingaxinga. É um material sério".

Na RCN, empresa com 600 metalúrgicos na Penha, o jornal foi a pá de cal sobre a Chapa 2. "Destá vez vocês não perderam, acabaram com o presidente da outra chapa" — comentava um operário. — "Tive o carinho de ler o jornal para casa e ler tudo o que está escrito. Eles não têm como mentir, está tudo detalhado". Indignado, ele perguntou: "Como o tal do Hélio pode querer presidir o nosso Sindicato? Falam muito e fazem pouco. Até na fábrica ele fura greve. Não serve". Outros quatro metalúrgicos, sindicalizados, concordaram.

Na Lorenzetti, na Moóca, apoiadores da Chapa 2 distribuíram a Edição Especial da T0 de 1981 (ver box). Mas imediatamente um operário mostrou a vivacidade de sua classe: "Ei, esse aqui é velho. Não serve para esta eleição".

Tribuna Operária
Gr\$ 50,00

OPOSIÇÃO DE VERDADE AO GOVERNO E AOS PATRÕES

Aurélio diz por que vota na Chapa 1

As 7 maiores falsidades da Chapa 2

Unidade na Luta

"Ele furo a greve contra as demissões"

"O Hélio ganhou a confiança do patrão"

Vitória dos trabalhadores da informática

Após longa e difícil batalha, os profissionais em processamento de dados espalhados pelo país comemoram uma importante vitória: no último dia 13, foi assinada a portaria que define o enquadramento sindical da categoria. Assim, os trabalhadores deste setor poderão realizar um velho sonho: formar seu sindicato, forte e atuante.

AFETADA PELA CRISE

Calcula-se que existam no Brasil cerca de 180 mil profissionais em processamento de dados, dos quais 75 mil trabalham em São Paulo. Nos últimos anos, com o desenvolvimento das técnicas de informática, este setor teve grande crescimento. A atividade de processamento de dados (PDs) estendeu-se para quase todos os ramos da atividade econômica. Atualmente, toda movimentação bancária e financeira do país é feita e controlada pela computação, o mesmo ocorrendo com os órgãos do governo, inclusive os famigerados arquivos dos serviços de segurança (SNL, Dops etc).

Como resalta Francisco Assis Aderaldo, presidente da Associação dos Profissionais em Processamento de Dados (APPD), de São Paulo, "esta é uma categoria estratégica para o processo de transformação do país. A tecnologia que ela manipula tem influência decisiva no andamento de vários processos de produção e gerenciamento da economia. Imagine uma greve da categoria; os patrões não aguentariam um dia".

Apesar da sua importância estratégica na economia nacional, a categoria não ficou imune aos efeitos da crise que abala o país. O seu vertiginoso crescimento deu-se sem nenhum controle. Ela nem é regulamentada profissionalmente, o que dá brecha para inúmeros mecanismos de exploração. Melhor remunerados do que a média dos trabalhadores brasileiros, os profissionais em processamento de dados tiveram seus salários achatados nos últimos anos.

As condições de trabalho dos profissionais em PD são precárias. Os operadores e digitadores, por exemplo, trabalham em ambientes de temperatura baixa. São comuns as doenças profissionais. Segundo a OIT (Organização Internacional do Trabalho), já existe inclusive uma doença própria dos analistas e programadores de computador: a *Burnout*, ou, como foi batizada, a "lucra fundida". Devido às pressões das chefias e ao acúmulo de tarefas, é comum o trabalhador perder a memó-

ria. Júlio César, diretor da APPD-SP, lembra uma cena "engraçada": "Certo dia, deu branco na cabeça. Não consigo lembrar o telefone de minha casa. Tive que pedir ajuda a um companheiro de trabalho, que pensou que eu estivesse louco".

Fruto do crescimento e da piora das condições de vida, a categoria vem se organizando. Em 1977, surgiu a primeira APPD e atualmente existem 18 associações estaduais e uma nacional. Só que, por serem entidades civis, há muitas restrições ao trabalho sindical. No caso de São Paulo, a situa-

ção da categoria agrava-se. Ela fazia parte da base do Sindicato dos Agentes Autônomos, o qual possui uma diretoria pelega que só se preocupava com a arrecadação do imposto sindical.

Com o enquadramento sindical, finalmente a categoria tem condições de formar seu sindicato. "Isto significa uma grande vitória. De agora em diante, os próprios profissionais em PD é que vão participar diretamente do seu sindicato e das negociações salariais. Isto também vai permitir o acesso mais facilitado às empresas", conclui Assis Aderaldo.



Participantes do II Congresso dos Trabalhadores em PD, em SP



Greve na Bombril por aumento salarial

No dia 11, segunda-feira, do mês de junho, os operários da Bombril entraram em greve reivindicando 40% de aumento real no salário e 40% no vale que até então de 15% e estabilidade por um ano para a comissão.

Os operários realizaram reuniões na semana anterior no Fundo de Greve do Sindicato dos Químicos do ABC. Nas assembleias realizadas foi eleita uma comissão composta por sete pessoas para negociar com a empresa. Porém, a Bombril tem-se recusado a receber a

comissão alegando ser ela ilegal para uma representação. Da comissão participam duas pessoas que fazem parte da diretoria do Sindicato dos Abrasivos, sendo que um deles é vice-presidente.

A empresa recusou desde o início estas reivindicações e disse que ia estudar um percentual como antecipação para ser descontado no dissídio, caso os trabalhadores retornassem ao trabalho. Essa proposta causou indignação aos operários e estes decidiram manter a paralisação.

Além desta tentativa de desmobilização por parte dos patrões, ameaçaram não pagar o salário e descontar os dias parados caso não voltassem ao trabalho. Mas a disposição é muito grande e o pessoal está consciente e muito unido, apesar de passar hoje pois fecharam o restaurante. Um ativista diz: "Se o governo achar ilegal a nossa greve, perguntamos ao governo se ele acha legal pais de família verem seus filhos passarem fome." (amigos da TO em São Bernardo do Campo, SP)

Firma demite quem luta por seus direitos

Venho por meio desta deixar público que a firma Platolândia Indústria, Comércio e Exportação Ltda., no dia 31 de maio, achou por bem me demitir, alegando que sabia que eu não estava contente com o salário. Isso porque dias antes eu havia pedido aumento, ao mesmo tempo em que pedi para colocar na carteira uma diferença que era paga por fora, não constava nem no envelope.

Este sistema era mantido com todos os operários. Numa conversa entre companheiros, resolvemos fazer estas reivindicações, sendo que eu falei diretamente ao patrão que nós, operários,

queríamos marcar uma reunião para tratar do assunto. Ele disse que podia registrar aquela diferença porque era de nosso direito. Mas sobre o aumento não adiantava discutir, porque nós não tínhamos condições. Dias depois, falou a um companheiro que tinha que mandar uma pessoa embora, porque ela tinha jeito de agitar. A partir de então, o incapacitado chefe, que por sinal é compadre do patrão, vivia me perseguindo.

Ainda na primeira quinzena de abril, na presença dele e mais alguns companheiros, eu disse que na sexta-feira, dia 13, eu iria sair meio-dia. Ele por diversas vezes me respondeu que eu

só sairia se ele deixasse. E eu respondi: "Se você deixar, não! Você não é dono da firma!"

Ele me respondeu: "Se você falar com o patrão e ele mandar você falar comigo, nem adianta me procurar porque você não vai sair". No dia 12 de abril falei com o patrão e ele mandou falar com o chefe. Este quis saber para que eu queria sair. E eu disse que ia receber o PIS. Ele entrou no escritório, falou com o patrão e veio todo desajeitado me dizer que podia sair no dia seguinte. Mas isto foi o suficiente para me tornar alvo do compadre de um burguês. (S.F. — São Paulo, SP)

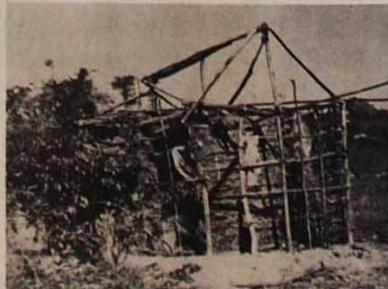
Camponeses de Campo Alegre perseguidos por grileiros

Está provado novamente que o governo age de modo cruel em relação aos problemas do campo: as terras continuam largadas e dominadas pelos grileiros, que agem a seu modo contra os posseiros.

Os camponeses de Campo Alegre vêm sofrendo várias formas de pressão principalmente por parte das autoridades.

Sebastião Silva, camponês do local, foi rendido e teve seu barraco derrubado por José Inácio, tido como "coronel", que o advertiu, dizendo: "Não passa daqui pra frente, senão eu te corto ao meio!"

Estas e outras situações são feitas com grande frequência pelos grileiros do local, que se dizem donos das terras sem provas concretas. Nos dias 26 e 27 de maio, Inácio voltou a dar provas de arbítrio lançando 130 cabeças de gado em cima das plantações dos camponeses quando eles estavam em reunião no acampamento; destruiu plantações de milho, feijão, verduras e legumes. Era o melhor plantio.



José Inácio diz que irá lançar os bois quantas vezes for necessário pois lá é seu pasto. No dia 4 de junho, chegou no local um camburão da polícia civil. Os policiais derrubaram e queimaram três barracos. Os grileiros queimaram em seguida vários documentos dos camponeses.

Estes e outros acontecimentos vêm se repetindo com a ajuda das autoridades locais. Os camponeses

disseram que os grileiros culpam a polícia e ficam num jogo de empurra-empurra, nada sendo resolvido.

Afirmaram que só quem é plantar para não morrer de fome e ter onde ficar. Foi programada uma passeata para o dia 26 de junho da Central do Brasil até o Palácio do Governo em busca de uma solução para o caso. (amigos da TO em Nova Iguaçu — Rio de Janeiro)



fala o POVO

As cartas vindas de fábricas mostram que a ditadura nas empresas prossegue. Os operários continuam a ser explorados das mais diversas formas; seus direitos não são respeitados. Como diz a carta dos operários da Philco, os patrões se esquecem de que estão tratando com seres humanos.

Uma das formas de lutar contra isso é fortalecer o sindicato de cada categoria e transformá-lo num instrumento de luta. Esta batalha está sendo travada pelos metalúrgicos de São Paulo. Escreva, amigo leitor! E dê sua opinião sobre este acontecimento. (Olivia Rangel)

Em Ribeirão Pires prefeito acusado de desvio de verbas

O prefeito de Ribeirão Pires, Valdirio Prisco (ex-Arena), sua mulher e seu filho, bem como o diretor da Assistência Social da Prefeitura, Farid Eid, estão sendo acusados de desvio do dinheiro público pelo vereador Raimundo Batista Viana.

Tanto o prefeito como as pessoas acima mencionadas estão aplicando dinheiro da Assistência Social, em nome próprio, no mercado de capitais (open market e overnight). Já o sr. Farid Eid, com autorização do prefeito, utilizou-se de veículo da prefeitura para transportar, de Salesópolis a Ribeirão Preto, sua amante e suas mobílias.

O diretor da Assistência Social é acusado, ainda, de cobrar e receber pelo transporte de doentes em ambulâncias, cobrar acima do normal as flores para sepultamento, negar medicamentos receitados em caráter de urgência para crianças pobres. Em certa ocasião, negou o transporte em ambulâncias de uma parturiente sem recursos, alegando que os veículos só podiam circular depois das 6,30 h.

Contra o prefeito ainda são feitas as seguintes acusações: aplicação financeira de valores recebidos com vendas de áreas públicas aprovadas pela Câmara, aprovação de lotamentos irregulares, aprovação por dinheiro de obra embargada.

O prefeito rebate as acusações do vereador afirmando que irá processá-lo por injúria e difamação, aceitando contudo as denúncias contra Farid Eid. E após ser pressionado, abriu uma Comissão de Sindicância e "puniu" o chefe da Assistência Social com "advertência por escrito".

O vereador Raimundo Viana pediu a abertura imediata de uma Comissão Especial de Inquérito na sessão da Câmara de 6 de junho. Entretanto, a maioria dos vereadores, pertencentes à ala reacionária do PMDB, aliados a um pedesista, votaram pelo adiamento da matéria por mais duas sessões, afirmando que as acusações são infundadas.

Setores da ala autêntica do PMDB da cidade afirmaram que isso prova que somente com a participação das massas pode-se transformar a Câmara numa verdadeira casa do povo. Com relação ao compadre do prefeito e dos vereadores, declararam que a maioria são componentes da antiga Arena, que se passaram para o PMDB não por ideologia política mas por interesses particulares. Dizem ainda nada terem com a briga pessoal de Viana, que também veio da Arena para o PT, mas suas denúncias são graves e que os fatos devem ser apurados de imediato. (N.L.C.C. — Ribeirão Pires - SP)

Diretora expulsa aluno em Mossoró por causa da farda

Nós, estudantes secundaristas de Mossoró, queremos denunciar e repudiar a atitude autoritária da diretora da Escola Municipal de 1º Grau Joaquim Felício de Moura, dona Maria Alves Rosado, que expulsou o estudante Rosemberg Estêvão da Silva, de 14 anos. Isso porque o aluno defendeu o direito de seus colegas assistirem aula sem o uniforme, pois eles são em sua maioria filhos de trabalhadores.

Além do ato ilegal, pois o Ministério da Educação e Cultura e a Secretaria Estadual de Educação não obrigam o uso de uniforme, a senhora Maria Alves Rosado passou em todas as turmas um documento tachando o aluno de mau elemento e indisciplinado para que seus companheiros assinassem, e manipulou todos os professores da escola para que assinassem contra Rosemberg. Tudo isso porque o estudante teve a coragem de enfrentá-la e mostrar que a escola deve ser feita para o aluno. Ressaltamos que atitudes como a da diretora só encorajam os secundaristas de Mossoró a lutar por uma escola democrática onde possamos escolher nossos diretores. (grupo de alunos Manoel Torquato à TO — Mossoró, Rio Grande do Norte)



Bandeirão de cabra pode dar bode para o reitor da UFRRJ

A universidade brasileira vive hoje dura crise de verbas e ainda mantém o ranço antidemocrático característico dos 20 anos de regime militar.

Frente a este quadro, os estudantes da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro levantaram-se no período passado exigindo suplementação imediata de verbas para não terem seu nível de ensino ainda mais prejudicado e exigindo a democratização da universidade com a participação dos estudantes nos órgãos de decisão e a legalização de suas entidades.

Durante a luta os estudantes tomaram o bandeirão e a reitoria o fechou procurando esvaziar o movimento. Os estudantes não desanimaram e ameaçaram abater animas da universidade caso o restaurante não fosse reaberto, para aplacar a fome. O reitor se fez de surdo aos apelos da comunidade e não houve outra alternativa a não ser cumprir a ameaça. Foi abatida uma cabra, servida como ensopado aos estudantes. Após isto a reitoria foi ocupada. E os estudantes só saíram com o atendimento de suas reivindicações.

Passados oito meses do abate da cabra, a Polícia Federal intimou o presidente do DCE, Eloi Ferreira de Araújo a prestar depoimentos sobre o fato. O advogado e ex-deputado federal Marcelo Cerqueira vem prestando toda assistência jurídica necessária ao DCE.

Os estudantes da Universidade dizem que se algo acontecer com o presidente do DCE a história da cabra dará um bode feio para o reitor pois eles não se calarão e responderão com luta. (estudante da UFRRJ — Rio de Janeiro)

Escolas rurais não têm condições de ensino

"Fico com os dedos vermelhos no final do dia porque só tem toco de giz", comentou uma professora de uma escola rural de Crixás, pequena cidade do interior de Goiás, cuja principal atividade econômica está sendo o garimpo...

As escolas não possuem as mínimas condições de ensino. Há algumas que nem parede têm. Possuem apenas quatro paus cobertos de palhas, com bancos que são tábuas em cima de algumas pedras.

Os alunos não assistem as aulas direito porque este ano ainda não chegou merenda escolar. Eles têm de andar de 4 a 5 quilômetros para chegar na escola; assistem um pedaço da aula e reclamam da fome.

Quando chove, não tem aula, pois as crianças não têm como se deslocar e a escola fica toda molhada. Na época da colheita também não há aula pois os pais obrigam as crianças a trabalhar na roça para ganhar dinheiro.

Como as escolas só possuem uma sala de aula, a professora é obrigada a dar aula para alunos de 1ª a 4ª séries simultaneamente. É esta a triste situação das escolas rurais de Crixás, que não difere muito das outras escolas rurais de Goiás. (um estudante de Farmácia da UFG — Goiás)

Juiz de Direito de Correntina é gente boa

Venho solicitar a Vossa Senhoria, a fineza de tornar público esclarecimento que o nº 169 de 28/05/84 a 03/06/84 da Tribuna Operária em sua página 04 publica sob o título "Projeto contra grilagem na Bahia" em seu trecho "os grileiros agem com a conivência de funcionários de cartório e Juiz de Direito e utilizam da velha prática de retificação".

Quem lê o citado trecho fica com a idéia que é o atual Juiz de Direito da Comarca de Correntina, dr. Valmir Santos de Oliveira, que está prejudicando os posseiros e criadores, o que não é a realidade. Nós, trabalhadores, somos testemunhas que o dr. Valmir muito tem contribuído para dinamizar a justiça, apesar dos poucos recursos que há na estrutura local; esta não dispõe de oficiais em todos os cartórios, faltam funcionários burocráticos, viatura, o que é um absurdo pelo tamanho do município de Correntina.

A época de ouro das retificações de áreas foi o ano de 1980. Neste tempo o Juiz de Direito era outro. Quanto aos oficiais de cartórios, todos os que estão em suas funções atualmente os conhecemos como funcionários responsáveis e honestos; quanto aos falecidos nada podemos dizer.

Certo de seu melhor e mais urgente acolhimento, firmamos, muito cordialmente, (Wilson Martins Furtado presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Correntina, Bahia)

Recado dos operários da Philco: somos humanos!

Srs. diretores da Philco de Taubaté: vocês que tão habilmente administram esta empresa, saiam do pedestal em que se colocaram e venham até os funcionários ver o que está se passando.

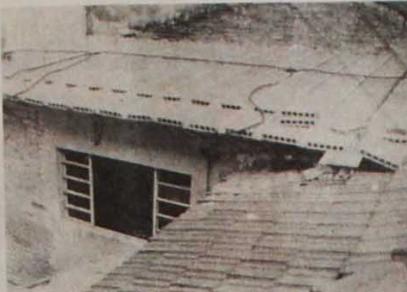
Quando projetaram o CI e o PTV esqueceram-se de um fator importante: o fator humano. Agora os funcionários são obrigados a trabalhar em uma seção poluída e sem condições. Nós perguntamos: por

quê? Se esse caso não for resolvido algumas linhas daqui e de Manaus param. Onde está a Cipa? E o CCQ? Onde está o membro do grupo participativo? Onde está a comunicação da empresa, em que a engenharia civil projeta e o chefe do setor, assina sem ter tempo para um estudo? Nem mesmo a medicina ocupacional funcionou desta vez. (operário da Philco — São Paulo, SP)

Operários comemoram a reconstrução da Tribuna

Cerca de 200 trabalhadores lotaram a sala do Centro de Cultura Operária (CCO) em São Paulo, no último dia 15, na comemoração pela reconstrução vitoriosa da sede da Tribuna Operária e pela ampliação do jornal para dez páginas.

O ato foi marcado pela forte presença operária, particularmente pelas delegações de mais de uma dezena de fábricas. Em nome dos operários fabris falou o metalúrgico de São Paulo Neleu Alves — membro da chapa 1 —, que entre outras coisas afirmou: "Eu quero citar pelo menos duas ocasiões bem concretas em que nós, metalúrgicos, de São Paulo sentimos a importância da Tribuna Operária. Uma foi na greve geral de 21 de julho do ano passado. Enquanto os jornais falavam mentiras e jogavam contra a greve, a gente via os operários procurarem na Tribuna Operária uma informação correta e um apoio ao movimento. A segunda é agora, na eleição para o nosso Sindicato, quando um grande número de ativistas procuraram o jornal e tiraram xerox dos artigos sobre a campanha eleitoral".



A TO foi reconstruída e passou a ter dez páginas

Penha, operária metalúrgica de Santo André, também se manifestou, dizendo: "Eu já trabalho em fábrica há muitos anos. Vejo que lá dentro nós temos menos liberdade ainda do que em 1978. Temos mais liberdade no país, porém dentro da fábrica é o contrário. Para vender a Tribuna Operária lá dentro, temos que levar escondida. Mas é indispensável

levar o jornal, porque ele é o instrumento que existe para levar a consciência operária para dentro das fábricas. Quando a sede do jornal foi atacada, nós, operários nos sentimos atingidos". O metalúrgico Luis Madalena, que trabalhou voluntariamente como pedreiro para reconstruir nossa sede, disse: "Quando eu vi a Tribuna Operária daquele jeito, toda queimada, arrebentada, fiquei pensando no que fazer.

Sou um operário e desempregado. Não tinha dinheiro para contribuir. Então compreendi que o que nós temos a dar é a nossa mão-de-obra, nosso trabalho. Resolvi colocar esta força a serviço da Tribuna Operária, para construir esse jornal que é dirigido para a minha classe".

Rogério Lustosa, diretor do jornal, agradeceu a colaboração de todos e chamou atenção para o exemplo educativo dos operários que voluntariamente colocaram a força de trabalho à disposição de sua imprensa de classe. "Talvez sem saber", disse ele "os operários realizaram coisa semelhante aos trabalhadores russos, que logo após a revolução de 1917 tomaram a iniciativa de organizar os sábados vermelhos, para construir a pátria socialista, e aos seus companheiros albaneses, que também voluntariamente trabalham em muitas obras socialistas, em particular nas estradas de ferro. São a classe operária tem este desprendimento, por sua concepção socialista, em oposição ao individualismo burguês".



Esmeralda: um possível bom resultado em Los Angeles

Nem olimpíadas arejam cabeça dos cartolas

O atletismo, a modalidade nobre das competições olímpicas, ainda é encarado como esporte varezeano pelos cartolas brasileiros. Absolutismo, vaidade e incompetência. É somente isso que se desprende das atitudes e palavras da maioria dos seus dirigentes. Nem a proximidade dos Jogos Olímpicos é suficiente para arejar a mentalidade desses homens.

As penúrias enfrentadas pelo atletismo começam no próprio organograma de entidades e cartolas ao qual está submetido. Os técnicos das equipes nacionais, em qualquer esporte olímpico, são indicados pelas respectivas confederações. Mas, no atletismo, quem nomeia os técnicos é o major Silveo de Magalhães Fadhila, há várias décadas ocupando a presidência do COB, Comitê Olímpico Brasileiro. Os planos de preparação dos atletas foram elaborados pelos técnicos efetivos das federações regionais. Entretanto quem escalará a delegação que nos representará em Los Angeles é o mesmo todo-poderoso major Padilha e caterva. As verbas gastas com treinamentos, porém, são da alçada das Confederações, que quase nenhum auxílio recebem do COB.

DANOS TÉCNICOS

Como era de esperar, esse grosseiro exercício de tutela e centralização haveria de causar danos também sob o ponto de vista técnico. O COB fixou o índice mínimo de seleção tomando como base a oitava marca das finais das Olimpíadas de Moscou. Entretanto, para conceder a participação nos Jogos, é exigido do atleta pleiteante a vaga que apresente as provas da marca conseguida. Foi assim que os praticantes e admiradores da modalidade viveram intensa expectativa, pois os bons resultados de José João da Silva, um dos dez melhores fundistas do mundo, obtidos na Itália, não haviam sido recebidos em caráter oficial até o momento da divulgação da lista dos que viajarão aos EUA.

Onde maior estupefação? A falta de verbas obriga os atletas a viajarem sozinho para participar de competições internacionais. Os técnicos acompanham seu desempenho pelas notícias dos jornais e rezam para que nenhuma contusão grave os surpreenda sem qualquer assistência. Como aquele patrão que amarra uma vassoura no traseiro do operário que tem as duas mãos ocupadas pelo trabalho, o COB ainda impõe que os atletas percorram secretarias em busca de súmulas e registros que comprovem seu

rendimento. Talvez porque não saiba o telefone das entidades internacionais ou desconheça o paradeiro dos atletas sob sua direção.

O inflexível rigor com que o COB analisa a performance dos candidatos a uma vaga nas Olimpíadas não é um estímulo para os mais jovens. Além de prejudicar o condicionamento técnico, que deveria atingir o ponto mais alto no calor da competição, e não na fase de seleção. Mas o major Padilha sabe ser magnânimo na heróica vigília que presta há tantos anos ao esporte brasileiro. Thomas Hintnau, atleta de dupla cidadania que só morou no Brasil até os dois anos de idade, e que sequer sabe falar português, será o nosso representante no salto com vara. A despeito de estar abaixo do índice mínimo de 5,45m estabelecido pelo COB. Na opinião do major, Hintnau já está nos EUA há muitos anos e "pode" obter boa classificação. Justamente no salto com vara, onde em São Paulo somente o Pinheiros possui colchões apropriados para o treinamento dos atletas.

CONTRA A MARE

Porém, mesmo remando contra a maré, o atletismo viaja como portador de algumas das nossas reduzidas esperanças de medalhas. Agberto Guimarães, meio-fundista, ganhador de duas medalhas nos Jogos Pan-Americanos de Caracas e detentor da melhor marca do mundo nos 800m em 84, é a mais promissora delas. Das duas dezenas dos demais atletas que compõem a delegação, é possível a obtenção de bons resultados nas provas masculinas de fundo, com José João da Silva, e nos 100m rasos ou no revezamento 4x100m, que contarão com a participação de Esmeralda de Jesus, também medalha de ouro no Pan-Americano.

Se as esperanças forem contempladas com vitórias, ninguém tenha dúvida de que um batalhão de cartolas estará esperando no aeroporto os atletas com agasalhos e bonezinhos de propaganda dos fabricantes de materiais esportivos. (Jessé Madureira)

"Nossa luta continua"

"Eu considero a Tribuna Operária como um refúgio à luta dos trabalhadores. A gente se apóia nele. Todas as vezes que eu leio a TO me sinto reconfortada para continuar na luta e vejo que muita gente que lê a Tribuna tem acordado para defender seus direitos. Essas perseguições que o jornal vem sofrendo não devem desanimar ninguém. Meu marido, que foi assassinado por gileiros dia 27 de fevereiro deste ano, era quem vendia a Tribuna na nossa cidade. Mas os assassinos dele se enganaram se pensaram que a gente ia esmorecer, porque a nossa luta continua cada vez mais firme." Dona Maria das Graças Machado, trabalhadora rural de Pio XII, Maranhão, viúva de José Machado.

ALAGOAS

"Em sessão realizada no dia 28 de maio, esta Casa Legislativa aprovou por unanimidade moção de solidariedade apresentado pelo vereador Clitun Santos." Câmara Municipal de Pão de Açúcar.

RIO GRANDE DO SUL

"O movimento sindical repudia o atentado cometido contra a TO, assim como repudia qualquer tipo de agressão cometida a órgãos jornalísticos que defendem os interesses de trabalhadores, principalmente nós, que defendemos as mais amplas liberdades de organização e manifestação dos trabalhadores." João Machado Mendes, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Novo Hamburgo.

"Este ataque à liberdade de imprensa vem no sentido de silenciar jornalistas, entidades e democratas que lutam pela liberdade e democracia em nosso país." Conselho de Entidades Estudantis da PUCCAMP.

Maria das Graças: mataram seu marido, mas não a sua luta

Mais de 13 milhões para a reconstrução

Operários da Volkswagen-Taubaté (SP)	12.500
Operários do Terceiro Polo Petroquímico (RS)	6.700
Trabalhadores de Cuiabá (MT)	45.000
Deputado federal Danilo de Oliveira (PMDB-MT)	30.000
FABES de Campo Limpo, São Paulo	13.000
Bancários de Ribeirão Preto (SP)	8.600
Araken Martinho, diretor da FAU-PUCAMP (SP)	10.000
Picardo Marques, vice diretor da FAU-PUCAMP (SP)	10.000
Coleta em Americana (SP)	2.500
Rita de barraca em Hermelindo Mattarazzo, São Paulo	50.000
Coleta na Associação dos Comerciantes Milenares (SP)	6.000
Assinatura de reconstrução de professor da PUC (SP)	8.000
Bônus vendidos em Sta. Bárbara d'Oeste, (SP) São Paulo	5.500
Bônus vendidos na Zona Leste, São Paulo	10.000
Coleta em Osasco (SP)	7.000
Assinatura de reconstrução, Rio de Janeiro	30.000
Funcionários do Hospital Souza Aguiar, Rio de Janeiro	14.600
Festa no Flamengo, Rio de Janeiro	20.000
Diretor do Sindicato dos Assistentes Sociais (RU)	2.000
Companheiros do Rio de Janeiro	50.000
Assinatura de apoio de Aurélio José dos Santos Ninha, pres. da Associação dos Municípios do Nordeste Goiano	20.000
Assinatura de apoio de Percival de Abreu Carvalho, prefeito de Ponte Alta do Bom Jesus (GO)	20.000
Centro dos Professores de Goiás	50.000
Assinatura de apoio de Waldemir Xerife, prefeito de São Luiz dos Montes Belos, (GO)	20.000
Vendas de roupas usadas por Maria Auxiliadora (GO)	6.000
Assinatura de reconstrução, Fortaleza (CE)	30.000
Venda de bônus em Fortaleza (CE)	70.000
Cascavel (PR)	30.000
João Pessoa (PB)	40.200
Festa promovida pela jornalista Margaret Gonzatto (RS)	14.000
Jantar pela reconstrução da T.O., Porto Alegre (RS)	227.500
Contribuição de uma chilena residente no Brasil	10.000
Subtotal	975.100
Total das semanas anteriores	12.341.218
Total geral	13.319.318

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista - São Paulo - CEP 01318.
 Telefone: 36.7531.000 (011).
 Telex: 01132133 TLOBR.
 Jornalista Responsável: Pedro de Oliveira.
 Conselho de direção: Rogério Lustosa, Bernardo Jordilly, Cláudia Rangel.
 ALAGOAS: Aracaju: Praça Luís Pereira Lima, 237, 10º andar - CEP 57000. Maceió: Rua Cincinato Pinto, 183 - Centro - CEP 51000.
 AMAZONAS: Manaus: Rua Simon Bolívar, 231 (ant. Praça da Saudade) - Caixa Postal 14389 - CEP 69000.
 ABAHO: Caracas: Rua José Nunes de Matos, 12 - CEP 42870. Feira de Santana: Av. Santos Dumont, 218 - Centro - CEP 44100. Itabuna: Av. Jurucujá Magalhães, 166, sala 204 - CEP 45600. Hapetinga: Av. Santos Dumont, 44, 1º andar - Centro Juazeiro: Rua Américo Alvim, 6A - CEP 44000. Salvador: Rua Senador Costa Pinto, 845, Centro - CEP 40000. Simões Filho: Praça 7 de Setembro (frente da antiga Círculo) CEP 43700.
 DISTRITO FEDERAL - Brasília: Edifício Venâncio IV - sala 312 - CEP 70000.
 CEARÁ: Fortaleza: Rua Floriano, 310, sala 208, Centro - CEP 60000. Iguatu: Rua Floriano Peixoto, 408, 2º andar - CEP 76600. Sobral: Av. Dom José, 1236, sala 4 CEP 62100.
 ESPÍRITO SANTO - Cachoeira do Itapemirim: Praça Getúlio Monteiro, 69, sala 2 - Centro - CEP 29300. Vitória: Rua Francisco Araújo, 77 (Cidade Nuares) - Centro - CEP 29000.
 GOIÁS - Goiânia: Rua 27, nº 69 - Centro - CEP 74000. Formosa: Rua Emílio Póvoa, sala 4 - CEP 77200. Anápolis: Rua Desembargador Jaime, 105, sala 204 - CEP 77100. MARANHÃO - São Luis: Rua

de Saavedra, 99 - Centro - CEP 65000.
 MATO GROSSO - Cuiabá: Rua Comandante Coita, 548 - Centro - CEP 69000.
 MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande: R. Antônio Maria Colombo, 1152, 1º andar, sala 15 - CEP 79100.
 MINAS GERAIS - Belo Horizonte: Rua Padre Beichner, 265, Centro - CEP 224.7605.
 CEP 30000. Juiz de Fora: Galeria Constança, Valadares, 3º andar, sala 411 - CEP 36100.
 PARAIBA - João Pessoa: Rua Duque de Caxias, 540 - 2º andar, sala 201 - Caledônia - Centro - CEP 58000.
 Campina Grande: Rua Venâncio Neves, 318 - 1º andar - CEP 56100.
 PARANÁ - Curitiba: Rua Martin Alonso, 370, 07º P. 7000.
 Londrina: Rua Sengul, 891, salas 7 e 8 - CEP 86100.
 PIAUÍ - Teresina: Rua Eliseu Marinho, 1130 - 3º andar - CEP 64000.
 PERNAMBUCO - Cabo: Rua Viegas Batista, 236 - CEP 54500. Garanhuns: Rua Daniel Barreto, 5 - sala 1 - Centro - CEP 55000. Recife: Rua Aires de Sá, 221, Boa Vista - CEP 51000.
 Rio Grande do Norte - Natal: Av. Presidente Câmara, 406, sala 109 - Alencar - CEP 59000.
 RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre: Rua General Câmara, 52, sala 29 - CEP 90000. Caxias do Sul: Rua Dal Canhale, 1891, 2º andar - CEP 95100. Taubaté: Rua Andrade Neves, 1988, sala 403 - CEP 96100. Cachoeira: Av. Flores da Cunha, 125, sala 20 - Alvorada: Rua 18 horas e sabotagem das 8 às 12 horas.
 RIO DE JANEIRO: Rio de Janeiro: Rua São José, 90, sala 220A - CEP 20000. Rio de Janeiro: Cariacai: Rua de Jesus, 155, Mãe F. Madureira - CEP 20000. Niterói: Rua São José, 90, sala 220A - CEP 24000. Duque de Caxias: Rua Nunes Alves, 40, sala 101 - CEP 25000. Nova Iguaçu: Av. Marechal Floriano, nº 100, sala 4 - CEP 26000.
 RORAIMA - Boa Vista: Rua Alferes Paulo Saldanha, 620 - Bairro São Francisco - CEP 59000.
 SÃO PAULO - Campinas: Rua Costa Aguiar, 333 - Tel. 6345 - CEP 13100. Ribeirão Preto: Rua Joaquim Barreto, 295 - CEP 17.500. Osasco: Rua Tenente Avelar, 100 - CEP 06000. São José do Rio Preto: Rua 25 - 2º andar, sala 12 - CEP 16000. Santo André: Travessa Lourenço Rondelli, 35 - Centro - CEP 09000. São Bernardo do Campo: Av. José Arthur da Frota Moraes, 61 - Ferrazópolis - CEP 09000. São José dos Campos: Rua Vilaça, 195, 1º andar, sala 10 - Centro - CEP 12700. Taubaté: Rua Souza Costa, sala 5 - CEP 12100.
 SERGIPE - Aracaju: Rua Anísio, 599 - CEP 49000.
 A TRIBUNA OPERÁRIA é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Companhia: P&U. Fotolito: Interpress. Cia. Editora Juruê. Fone: 815-4999 - São Paulo - SP.

Desejo receber em casa a Tribuna Operária. Envie cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., no valor abaixo assinalado. Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

AJUDE A IMPRENSA OPERÁRIA

Anual de apoio (52 edições)..... Cr\$ 30.000,00
 Anual comum (52 edições)..... Cr\$ 15.000,00
 Semestral de apoio (26 edições).... Cr\$ 14.000,00
 Semestral comum (26 edições)..... Cr\$ 7.000,00
 Anual no exterior..... US\$ 70,00

Nome:.....
 Endereço:.....
 Bairro:.....
 Cidade:.....
 Estado:..... CEP:.....
 Profissão:..... Data:.....

Pernambuco, caldeirão de explosão

"Os ingredientes do maior caldeirão de tensão e explosão social de que se terá notícia em nosso Estado." Assim o deputado Luciano Siqueira se referiu à situação em Pernambuco, em discurso na Assembléia Legislativa. Pernambuco é de fato uma região problemática. As cifras de desemprego, além de inéditas em sua história, estão tornando difícil até a manipulação de estatísticas por parte de órgãos oficiais.

Para começo de conversa, com o início da entressafra no setor canavieiro, em março último, 35 usinas e destilarias pararam suas atividades; dos 40 mil operários que ali trabalhavam, 16 mil foram dispensados; e no canavial, onde 250 mil vivem do corte de cana, apenas 100 mil continuaram no serviço. A região possui, portanto, mais 166 mil desempregados, que, somados aos 250 mil até agora detectados, formam a espantosa legião de reserva de 416 mil trabalhadores sem ocupação!

A situação agrava-se mais ainda, pelo fato de toda a Zona da Mata, que tem 60% de sua área tomados pelo irrefreável canavial, submeter-se a um contínuo processo de mecanização, o que se traduz na expulsão de levadas e levadas de posseiros para as regiões metropolitanas.

Há crise no setor? Os barões do açúcar dizem que sim... Sobretudo nesta época do ano. Contudo estranha crise essa que permite a expansão contínua da agroindústria, enquanto os demais ramos desacerclaram-se com a redução da produção! A cada ano, os usineiros têm sua área de plantio ampliada, têm as menores taxas de juros nos bancos e os créditos de custeio às suas atividades estão acima da taxa de inflação! E para mudar de assunto, durante os seis meses da safra 82/83, o volume de subsídios ao preço da cana foi suficiente para o pagamento de 112 mil trabalhadores rurais!

Tem razão a Federação dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco, quando afirma que nem sequer a Lei do Sítio, uma das conquistas dos canavieiros em suas sucessivas campanhas, os patrões aplicam...

Mais trabalhadores são demitidos do que admitidos!

Mas a história não termina aí. Passem: no primeiro semestre do ano passado, apenas pouco mais de 95 mil pessoas foram admitidas em novos empregos; e em contrapartida, no mesmo período, mais de 110 mil outras foram friamente despedidas. Isto em todo o Estado! E pela primeira vez em toda a sua história! Será que as "questões metodológicas" do IBGE conseguiram subtrair os 14 mil ganhadores do jogo *ADMISSÃO X DEMISSÃO*? Talvez não, pois neste caso os ganhadores são os verdadeiros perdedores.

Como se vê, o mercado de trabalho em Pernambuco é acientamente recessivo, brutalmente discriminatório.

Já em setembro do ano anterior, de um total de 775 mil pessoas da população economicamente ativa, 65 mil estavam desempregadas e outras 101 mil subempregadas. Isto quer dizer que 20% da força de trabalho estão marginalizados da atividade produtiva. É o maior índice de desemprego do país! Aliás, diga-se de passagem, o Estado desceu do trono só uma vez, quando, em janeiro daquele mesmo ano, Minas Gerais apresentou uma taxa de desemprego superior à sua.

Na região metropolitana do Grande Recife é onde se concentra o grosso da mão-de-obra industrial; é aí que o impacto recessivo se faz sentir com mais intensidade. Atualmente, a sua oferta de emprego é de somente 105 por mês, quando, a cada ano, 35 mil novos candidatos se anunciam ao mercado de trabalho. De fato, é um caldeirão que destila lavas. Hoje, o tempo médio que se ocupa para a conquista do elemento meio de sobrevivência, no Recife, é de 22 semanas. Também neste aspecto a capital do frevo é recordista.

Para matar a fome é preciso dar duro 244 horas por mês

Com 58% dos que trabalham não recebendo salários ou no máximo um salário mínimo, e 85% com até dois mínimos, o trabalhador se vê obrigado a suar 244 horas por mês, para obter a cesta básica de alimentos; ou seja, 44 horas a mais do que seria considerado o normal. Explica-se: entre maio de 81 e novembro de 83, segundo levantamento do Instituto dos Economistas de Pernambuco, a queda do salário mínimo real foi de 16%. Num período de dois anos e meio! Já de 64 a 68, quase cinco anos, a diminuição foi de 11%. E numa época de inauguração do arrocho salarial!

Por falar em arrocho, o funcionalismo público, outrora apático, já dá sinais de inquietação frente aos índices de reajustes concedidos pelo governador Roberto Magalhães. E que em 1982, ano eleitoral, o então governador Marco Maciel estipulou em 100% o aumento para o pessoal administrativo e técnico. O novo governo, por sua vez, reajustou o ano passado o mesmo pessoal em 75% e em 80% a magistratura. Para que os salários mantivessem o mesmo poder aquisitivo de 82, os índices deveriam ser de 132% e 118%, respectivamente. Já agora em 84, se Roberto Magalhães tivesse essa preocupação, os reajustes deveriam ser de 245%. Mas o índice foi



Canavieiros: trabalho temporário e a duras penas Nas ruas de Recife os camelôs, fruto do desemprego

Números do desemprego

PERÍODOS	ADMISSÕES	DESLIGAMENTOS	SALDO
1980	274.902	238.536	36.366
1981	262.882	247.543	15.339
1982	244.609	235.123	9.486
1983			
1º semestre	95.589	110.328	-14.739

IBGE/Ministério de Trabalho e Segurança

de 45% apenas, em que pese a introdução da semestralidade, que aliás está perdendo feio para o custo de vida. A proclamação da austeridade do atual governo do Estado, no dizer do líder da oposição na Assembléia Legislativa, Sérgio Guerra, está assumindo a feição de "compressão salarial".

Cobrador paga até carta de fiança contra assaltos

Não se tem ainda uma cifra certa sobre o número de cobradores e motoristas desempregados no Recife; até mesmo porque a direção do sindicato tem se mostrado omissa em relação aos problemas da categoria; chegou inclusive a chamar a polícia, quando os profissionais em assembleia decidiram paralisar o sistema de transporte. Porém, sabe-se ao certo que em função do esquema "dois rolos" de trabalho, onde apenas alguns ônibus circulam nas horas de maior movimento, os profissionais permanecem ociosos, o que vem gerando o não pagamento das obrigações trabalhistas e muito desemprego. Alguns patrões chegam a exigir dos cobradores uma carta de fiança no valor de 100 mil cruzeiros, para se prevenir de possíveis assaltos.

Nesse setor, o painel é rico de tropéias. Muitos profissionais são obrigados a trabalhar

até 16 horas por dia. Não recebem horas extras e quando são demitidos têm o FGTS diminuído e até mesmo encamoteado. Uma cena insólita, mas pouco a pouco tornando-se comum, uma vez que se vem incorporando à paisagem das principais avenidas do Recife, são os grupos de motoristas e cobradores fazendo pedágios para sobreviver.

Também os bancários vêm trabalhando mais de dez horas por dia. Com receio de perder o emprego, não exigem o pagamento das horas extras. Não é demais dizer, o fato ocorre a um palmo de distância da Delegacia Regional do Trabalho.

Empresas fecham e operários é que pagam por isso

E os metalúrgicos? Para se ter uma idéia, de 1981 para cá 86 fábricas fecharam. A categoria, antes com 42 mil profissionais, foi reduzida em 30%. Isto é, entre peões e especializados, pouco mais de 12 mil estão no olho da rua.

Sem falar nas fábricas como a Microlite, Piratininga, Alcoa, Volnor, Cosinor e GE, que reduziram a jornada de trabalho com a consequente redução da folha de pagamento. A Tecanor, por exemplo, reduziu em 25% os salários dos empregados. Já a Reciferal há dois anos demitiu 120 trabalhadores e até hoje não os pagou.

Jorge Cesar é diretor do Sindicato dos Metalúrgicos, e afirmou à TO que uma das lutas da entidade é no sentido de "reduzir a jornada de trabalho de oito para seis horas, mas sem a diminuição do salário". Bem como o "fim das horas extras e a estabilidade no emprego". O objetivo, segundo o dirigente sindical, é evitar a acumulação do fundo de greve dos patrões.

Uma outra área castigada pelo desemprego é a indústria de construção civil. Com uma queda de 11% no consumo de cimento, um declínio de 23% no número de licenças para construir e a diminuição em 28% da área para construir, estima-se em mais de 20 mil o número de trabalhadores sem emprego, só na capital!

Na região metropolitana do Recife, a construção civil consola-se com a oferta de tão-so-



mente pouco mais de 70 empregos por mês.

Até agora, 11 fábricas têxteis cerraram as portas. Indústrias como a Torre, Tacaruna, Cotifício Moreno, Macaxeira e Companhia de Tecidos Paulista, fecharam por motivo da crise ou porque maitreiramente optaram por outro ramo; é o caso da Torre, do portentoso grupo de José Batista da Silva, que, no lugar do antigo prédio da unidade produtiva, instalou um sofisticado centro de processamento de dados. O certo mesmo é que até agora 25 mil operários tecelões estão sem trabalho.

E, Pernambuco vai mal. Mal, não! Moribundo! De sua capacidade instalada para produzir, utiliza apenas 71%, enquanto no Nordeste inteiro este número sobe 76% e no Brasil como um todo, para 73%. O

ano de 83 registrou 363 falências e a quantidade de títulos protestados em cartório subiu em 35%!

Para o líder do PMDB na Assembléia, Sérgio Guerra, o grande defeito "desse pessoal do PDS que se propõe a um discurso renovador é criticar o modelo econômico em geral, e não particularizar a crítica nos representantes locais do atual sistema". Em relação às mudanças que a situação exige, defende: "É preciso mexer com a estrutura fundiária, com desdobramentos na política agrícola de financiamento, sem limites de apoio aos pequenos e médios produtores." Assim, complementa, "seria detido o fluxo migratório para as cidades".

... já não se faz mais frevo como antigamente. (Marco Albertim pela sucursal)

Brahma passou do limite

A Companhia e Cervejaria Brahma de Cabo é conhecida pelos pessimos salários que oferece aos operários, por não pagar vários direitos como a insalubridade e a periculosidade, por fazer rotatividade de mão-de-obra, por obrigar seus funcionários a fazer horas extras ilegais sem bater ponto e por aí vai.

Mas no início deste mês a empresa passou dos limites: operários e trabalhadores de 5, 10, 15 e 20 anos de serviços prestados, que passaram toda a juventude dando seu sangue e suor para aumentar seus lucros, que não aprenderam nem mesmo uma profissão, foram jogados no olho da rua, para a fome (pois não têm onde achar emprego) sem a menor justifi-

cativa. Foram 140 pais de família, em sua maioria, que agora estão com as mãos na cabeça sem saber o que fazer, já que a cidade não oferece muitas alternativas de emprego.

O deputado estadual Luciano Siqueira, do PMDB, solidarizou-se com os operários da Brahma afirmando em discurso na Assembléia Legislativa, que "este é um dos poucos setores que mantêm seus lucros. E prosseguiu: "A verdadeira razão (do fato) está na automatização de vários setores da empresa uma semana após o despejo massivo".

Os operários vêm procurando se organizar dentro da empresa, pressionando o Sindicato para cumprir seu dever de defendê-los.



Lavradores procuram ajuda federal para enfrentar a falta de terra e de emprego